



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

Mariana Munaretto Alves dos Santos

Título: Cartas sobre(vivências) de uma Educartista rumo a uma prática pedagógica:
AFETOEMPATIA

Brasília
2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

Mariana Munaretto Alves dos Santos

Título: *Cartas sobre(vivências) de uma Educartista rumo a uma prática pedagógica:
AFETOEMPATIA.*

Trabalho apresentado ao Departamento de
Artes Cênicas – CEN da Universidade de
Brasília, como requisito parcial para
conclusão de Graduação em Licenciatura em
Artes Cênicas, orientação do Prof. Dra.
Ângela Barcellos Café

Brasília
2023

RESUMO

Esta pesquisa propõe o estudo da palavra AFETOEMPATIA como possibilidade de superação de um ensino com tendências tradicionais, tendo como problema de investigação: Como minimizar as desigualdades, violências e falta de diálogo na educação escolar? O trabalho se justifica pela importância de uma Educação Decolonial, que garanta maior harmonização dos agentes envolvidos: discente e docente. O objetivo é abordar uma prática pedagógica que amplie as possibilidades para o Ensino de Artes Cênicas a partir da proposta que AFETOEMPATIA traz de uma centralidade de corpo e seu saber como guias da prática docente em pedagogia teatral, considerando a autonomia e o protagonismo dos estudantes. Com base na metodologia qualitativa, utilizo da etnografia dos estudos de André (1995), analisando e refletindo as observações das experiências na escola, nos estágios, para propor uma prática pedagógica fundada no AFETOEMPATIA, com referências nas ideias de nossos povos originários, na voz de Daniel Munduruku.

Palavras-chave: Comunicação Não-Violenta, Escuta Sensível, Saberes Indígenas, Pedagogia do Ensino de Artes Cênicas - Teatro, AFETOEMPATIA.

Os invasores de nosso tempo que teimam em destruir as tradições originárias que permanecem resistindo(...) do capitalismo selvagem, cujo olhar frio concentra-se na fragilidade humana é capaz de vender sua dignidade e ancestralidade em troca de um conforto e bem-estar ilusórios.

(Daniel Munduruku)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao enigma do universo e o poder da mãe natureza, por me fazer existente e presente no processo tempo-aqui- agora-consciência.

A minha mãe Universidade de Brasília por me proporcionar minhas alimentações diárias (RU) e bolsas que me sustentassem toda minha trajetória acadêmica. Sem ela nada disso teria acontecido.

Maria Elisa Muniz e Mateus Muniz por terem marcado a minha infância, por embarcarem em minhas aventuras imaginárias tornando meu ser criança mágico.

Andrezza Felisberto que foi um anjo aqui na terra, e agora no céu.

Thamara Carla, Giovanna Marra, Dielle Estrela e Helionay Costa por serem companheiras antes mesmo da universidade, nós se encontramos na educação básica, proporcionando uma amizade que tornou minhas irmãs. Arthur Cunha, Laura Caroline, Gisele Fiorote por acreditarem sempre em mim e me apoiarem no meu lado artístico e palhaço. Yuri Freitas, Leo Gomes, Natacha Ribeiro, Ana Cristina e Mica Oliveira, por serem companheiras e estarem presentes em vários momentos importantes da minha vida.

Júlia Gouveia, Mariana Travain, Júlia Di Flora, Pedro Bonfim e Rejane Paféj Kanhgág terapeutas que me acompanharam na minha jornada, que foram ouvintes-sensíveis-acolhedores, escutaram meus choros e meus sorrisos, fizeram parte dessa construção com muita luta e resistência.

Felipe Ribeiro, Lize Souza, Mateus Baruci Ignacio e Giulia Conte, criamos uma coisa rara de se ver hoje em dia uma comunidade coletiva no prédio (cardosão), como irmãos, parceiros, companheiros, de trocas, brincadeiras sociais, carinhos e afetos. Conte e Baruci foram responsáveis de trazer essa escrita oral em escrita formal, em dias sentados numa cadeira em frente ao computador, debatendo e me auxiliando no que precisasse. Fez-se importante esse ato de carinho indescritível pois a leitura deu possibilidade de criar VIDA. Aprendendo com mestres da linguagem da norma culta. Vinícius Christofoleti, Henrique Gomes, companheiros de bar, conversas filosóficas, e broncas de tcc. Ivone Araújo e Katia Brito companheiras de RU, fofocas e risos. Aíssa Bianca, Igor Passos, Camila Paz, Otavio Motter, Ana Pira Moura, Matheus Maknae, Nicolás Santana, Wanderley Mendes, Lucas Abá, Victor Hugo Leite, Yuri Fidelis George, Priscila Carneiro, Gabriela Oliveria, Octávio Vialoronga, Isadora Lima, Ygor Alves, Gabriela Matos, Gabriel Valls, Fernando Araujo, Emmanuel Paz, Will Oliveira, Matheus Costa, Néilton Alves, Roberto Lacerda, Nickolas Campos, Nyna

Cardoso, Marconi Cristino, Mariano Costa, Giovanna Santos, Beatriz Mota, Úlli de Oliveira, Victor Souza, Luiz Ferreira, Júlia Medonça, Marina Magalhães, Luiza Veloso, Thaine Abel, Vitória Barreto, Beatriz Santana, Milca Orrico, Thaís Veloso, Enrico Scodeller, Joana Carvalho, Bruna Cordeiro, Samla Lírio, Rachel Rianele, Jeniffer Oliveira, Tiago Brito, Wemmerson Reis, Maria Clarah, Tauã Franco, Valério Henrique, Thaís Lima, Clara Rabello, Paola Alcântra, Caetano Almeida, Pedro Ivo, Gabriel Cabral, Samuel Caram, Gustavo Haeser, Giovanna Lisboa, Ana Rabelo, Jessica Lima, Rodolfo Santos, Karol Lira, Yago Queiroz, Cleyton Santos, Lays Laloop, Gisele Boaventura, Thayse Marques, Claudia Kempf, Sissy Faveri; Nessa caminhada alguns trompei durante a Universidade de Brasília, outras nas ondas artísticas da vida, artistas que enriqueceram minha caminhada, levando para várias percepções que movimentaram ser a artista que sou hoje, levando esse carinho para fora da universidade e mantendo para vida. Aos Mestres de Artes Cênicas que me proporcionaram a oportunidade de me enriquecer como Educartista: Cassia Gentile, Miquéias Paz, Camila Ellen, Elmo Férrer, Giselle Rodrigues, Édi Oliveira, Luiz Carlos Laranjeiras, Luciana Hartman, Roberta Matsumoto, Sonia Paiva, Fernando Villar, Lídia Olinto, Sulian Vieira, Cesar Lignelli, Glauber Coradesqui, Graça Veloso, Juliana Liconti e Rafael Tursi. Valdir da Cruz, que trabalha na coordenação do departamento sempre o vejo alegre e atencioso as demandas dos discentes, um carinho e afeto pela sua pessoa. Rita Silvana professora da Faculdade de Educação da UnB, por ser uma das poucas professoras negras que tive a oportunidade de ter contato e me sentir pertencente em suas aulas de didática.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por proporcionar a oportunidade de participar do programa de Residência Pedagógica conforme processo de nº. 23038.001459/2018-36. Proporcionaram trocas ricas, tendo vivências pedagógicas compartilhadas construtivas com meus companheiros de artes cênicas e especialmente agradecimento as professoras Lílian de Queiroz (Artes Visuais/CEDLAN) e Joelma Nascimento (Artes Cênicas/GISNO) e Débora Cristina Sales (CEN/UnB). Por todo o carinho e serem minha inspiração e exemplo como Educadora.

Ângela Barcellos Café, no qual eu pude beber da fonte do Café dos contadores de histórias, e prestigiar vários movimentos acadêmicos que chegasse hoje a minha finalização, me acolhendo, me provocando diversas reflexões e inquietações, chegando no lugar que tudo depende, não existe o certo e o errado, simplesmente existe o fazer.

Fabiana Marroni com seu cabelinho liso e sorriso carismático, por aceitar esse convite de fazer parte da banca, me ajudando a me formar e crescer essa pesquisa junto comigo. Daniel Munduruku pela sua existência e resistência de ser um exemplo de inspiração na minha trajetória de vida.

E a toda luz da ancestralidade que me acompanha, me protege e fortalece para cada dia diário.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UnB	Universidade de Brasília
DF	Distrito Federal
BCE	Biblioteca Central da UnB
CNV	Comunicação Não-Violenta
PO	Pedagogia do Oprimido
TO	Teatro do Oprimido
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ABNT	Associação Brasileira de Normas
ESV	Educador Social Voluntário
RP	Programa de Residência Pedagógica
<i>YouTube</i>	Site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet

Sumário

CARTA ABERTA	10
CARTA PRELIMINAR	11
FLUXO DA CARTA	15
AFETO	17
O PROCESSO AFETIVO INICIA NA INFÂNCIA	18
MARIANA NA INFÂNCIA	21
AULA DE ARTES	22
EMPATIA	26
ESCUA SENSÍVEL	28
COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA	29
EDUCAÇÃO ÍNDIGENA - MUNDURUKU	31
O ATO DE EDUCAR	36
CORPO-MENTE-ESPÍRITO	37
AFETOEMPATIA	42
PLANTANDO UMA SEMENTE	48
REFERÊNCIAS	51

CARTA ABERTA

2 de novembro de 2022

À população brasileira e em especial aos educaristas e aos nossos colaboradores com esperança na educação.

Mariana Munaretto Alves dos Santos, 26 anos, fisionomia parda, magra, olhos castanhos escuros, cabelo longo preto, altura 1,68cm, 53 quilos. Habitualmente trajada sempre com chinelo nos pés e uma pochete na cintura. Nascida em Gramado, cidade do chocolate, e após um ano de idade renascida na maquete de Oscar Niemeyer, Brasília- DF.

Convocada à leitura do fruto de uma persistência, com a intenção de alimentar a saúde expressiva, reconhecendo a importância das liberdades de expressão, pois trouxe a oportunidade de expressar uma licença poética, percebendo que não precisa ser uma escrita rígida, mas sim, rigorosa, sem anular a sua poesia, o rigor em ser compreendida por todas à norma culta sendo uma linguagem que ensina nossos direitos.

Caminhando rumo à educação da integridade, um corpo no mundo, um corpo coletivo, livre-expressivo, tendo o oxigênio como alimento, marcando (sobre)vivências, resistências, existências. O registro da escrita possibilita guardar uma parte do tempo, emoldurando uma parte da existência física, material, das vozes no papel.

Aproveito da escrita para relatar as vozes que ecoam em meu coração. Com objetivo de que meu progresso pessoal esteja à serviço do coletivo, estando aqui compartilhando com a existência. Poetizo acontecimentos que me atravessaram, como mulher, ser no mundo. A escrita completa estará localizada numa biblioteca de monografias, onde pode depois ser lido, em mãos de leitoras e leitores com olhares sensíveis. E desejo que não apenas entendam intelectualmente, mas sintam no seu coração o que trago comigo nessa caminhada, um convite para a esperança e a vida.

Compartilho a descoberta de um antídoto altamente transmissível chamado: AFETOEMPATIA. Memorize essas duas palavras juntas: AFETO e EMPATIA. Cuidado! Juntas fazem acontecer um encanto na educação, com altos índices de ser contagioso, possibilitando o perigo de acessar lugares (des)conhecidos. Pode ocorrer que

seu uso provoque sintomas de sentir emoções, sensações e reflexões; os efeitos colaterais são irreversíveis, podendo entrar num estado de lucidez empática, acionando uma escuta sensível e abrindo espaços de diálogo e compreensão coletiva.

O recomendado para você que procura o uso de AFETOEMPATIA é que use com equilíbrio mental-psicológico-físico-espiritual.

CARTA PRELIMINAR

16 de novembro de 2022, Quarta-feira 17:50,
Biblioteca Universidade de Brasília-DF.

Estou fazendo a opção de não dividir esse trabalho por capítulos, mas sim escrever uma narrativa única com tópicos específicos em formato de cartas que dialogam com várias (inspir)ações e perspectivas entre autoras e autores. A Etnografia da prática escolar de Marli André¹ (1995), em sua proposta metodológica, permite essa liberdade na escrita, porque considera o pesquisador como alguém envolvido na pesquisa, que observa por dentro de uma determinada cultura. Meu olhar é pela e para a escola e de como podemos superar as práticas das tendências tradicionais escolar.

Aceitando esse convite, pode-se desfrutar, a partir da leitura/escuta as minhas contribuições como Educartista, termo cunhado por Pires² (2019), para designar a

relação indissociável entre o ser-estar artista e o ser-estar educador. Os dois se atravessam, se contaminam, se compõe e decompõe concomitantemente. É esse entendimento de educartista que me possibilita, hoje, estar aberto ao mundo: pois como artista, preciso estar disponível as coisas que ultrapassam o primeiro olhar e como educador preciso estar aberto ao outro, ao movimento do outro em mim. Os dois juntos me permitem – educartista – tecer uma relação ética-estética-política dentro da educação e da arte, entendendo educação como possibilidade artística e a arte como possibilidade educativa, pensando as relações, pensando as possibilidades, entendendo o trabalho pedagógico a partir de uma noção rizomática em que as condições do artista e do educador se conectam de formas amplas, múltiplas, constantemente novas e atuais. Educartista como possibilidade de me aproximar do sujeito da invenção (p. 12).

Me identifico neste lugar, como educartista! Desde a minha infância, preocupava-me em *ser alguém* e ainda engendrada a perpetuar essa ideia na fase adulta, carregada por essa inquietação. Mantive desperta a criança curiosa de descobrir e compreender mais

¹Marli Eliza Dalmazo Afonso de André, é mestra em educação e doutora em psicologia da educação. Atualmente é professora Titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

²Igor Passos Pires, foi Professor da rede pública de Ceilândia do Distrito Federal, Mestre e Licenciado em Artes Cênicas, atualmente, Doutorando no PPG - CEN.

sobre os mistérios da vida, de compreender meus processos pessoais, vivenciando dinâmicas de convivência-coexistências que proporcionam a sensibilidade de aprender de forma afetiva e empática. Por várias óticas: pela lente da arte, da educação e do encontro-acontecimento da minha existência-consciente-aqui-agora, sensibiliza-me uma inquietação de vigiar estruturas opressoras e o incômodo de como geram, operam e se manifestam no meio social. Observo que, no momento em que surgem as opressões a que Paulo Freire (1987) se referiu, se não abordadas por meio de um diálogo que contenha uma escuta sensível e uma comunicação não-violenta, pode resultar em um choque violento, expresso por violências física e verbal, favorecendo perpetuar uma linguagem opressora, agressiva, desrespeitosa, que reforça uma estrutura desumana.

Tendo essas reflexões em mente, navegarei entre meu espaço, corpo, ser, voz, no mundo: essa forma de compreender a educação foi construída à medida que fui refletindo sobre meus percursos institucionalizados na educação pública, na qual fui estudante na infância, adolescência e, atualmente, na universidade. Escrevo relatos, registros, pistas, travessias, relações, histórias, imagens, lembranças, memórias, contos dos encontros-acontecimentos como Educartista e, nesse sentido, encontrei diálogo com Igor Passos, autor que escolhi para diálogos mais próximos.

Sinto-me contagiada por esse conceito que Igor Passos Pires, a quem tive oportunidade de conhecer pessoalmente na Universidade de Brasília, estabelecendo uma grande amizade. Certa vez, fez o convite de encontrar espaços para integrar o meu lado educadora e artista, aproximando, de modo eficaz, esses dois papéis sociais que possibilitam desenvolver uma estrutura ética-estética-política dentro do meio educacional. Que possamos perceber que a construção do exercício dos papéis educador-artista e artista-educador encontrar oportunidades de ocupar espaços educacionais, uma vez que a postura em sala exerce influência na formação dos estudantes e intervém no modo como conduz o ensino de artes.

O reconhecimento do termo Educartista se apresenta como pilar principal no desenvolvimento de minha escrita, pois trouxe a oportunidade de amparar e sustentar minha prática, de descobrir, e defender as possibilidades de ser sujeito de invenção. Evoco-o como possibilidade de amparar na formação da perspectiva AFETOEMPATIA, de pesquisa e de troca, para, a partir dele, compartilhar minhas vivências narradas, e, assim, tornar-me protagonista desta pesquisa, declinando do lugar de mera observadora.

No decorrer do processo, houve muitas desavenças e circunstâncias conturbadas. A dedicação a este trabalho possibilitou-me erguer e apostar as fichas na educação pelo e

para o ensino de Artes Cênicas como um ato de coragem, um ato político, um estado desarmado. (Sobre)viver diante da dificuldade de prosseguir e quase desistir, perdendo a oportunidade exercer uma função social que considero de extrema importância para minha trajetória.

Ser-estar artista e ser-estar educadora, estrutura indissociável que me faz sentir pertencente e partilhar por meio de trocas de (con)vivências que estão além das tendências tradicionais. Integrar o saber tradicional e o olhar holístico nesse desenvolvimento com a criação, representado pela junção das palavras AFETOEMPATIA. Uma proposta de prática pedagógica que permeia lugares de sensibilidades reflexivas, discorrendo com mais embasamento no decorrer do fluxo da carta.

Como *ser-estar educadora*, utilizo do instrumento metodológico da escuta sensível defendida por René Barbier (2007) e da Comunicação Não-Violenta (CNV) desenvolvida como processo de pesquisa contínua por Marshall Bertram Rosenberg (2006)³. São práticas que tem o objetivo de coexistir nos espaços educacionais de forma cooperativa, menos agressivas, menos competitivas, proporcionando um ambiente escolar acolhedor e pertencente. Estabelecendo nossas comunicações fundamentadas na dinâmica da empatia e da afetividade, alego uma necessidade de aperfeiçoar nossa escuta e comunicação, em prol de amenizar as estruturas negativas das condições opressoras.

Como modelo de educação revolucionária, bebo das fontes indígenas, especificamente do povo Munduruku⁴, na voz de Daniel Munduruku⁵ em seu artigo Educação Indígena: do Corpo da Mente e do Espírito (MUNDURUKU, 2009), com o intuito de resgatar as ancestralidades indígenas. Seu trabalho convida a uma percepção holística que contribui para subverter as tendências tradicionais escolares, o que me fez observar por outros ângulos as perspectivas educacionais. Meu coração comunga em sintonia, com objetivo de perpetuar uma educação que une na prática a compreensão de uma educação que se baseia na tríade do corpo-mente-espírito.

O Teatro do Oprimido (TO), metodologia desenvolvida por Augusto Boal⁶ (1975), debruçou sobre problemas brasileiros, colocando em cena temas e pautas importantes a serem explorados. Enalteço essa prática trazendo propostas da sua obra tais

³ Marshall Bertram Rosenberg, psicólogo norte Americano. PHD em psicologia clínica pela Universidade de Wisconsin-Madison. Fundador CNV.

⁴ Cultura Munduruku, povo que está localizado nos Estados do Pará, Mato Grosso e Amazonas.

⁵ Daniel Munduruku, do povo Indígena Munduruku. Formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia, integrou o programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na USP.

⁶ Augusto Pinto Boal foi diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, uma das grandes figuras do teatro contemporâneo internacional. Sua metodologia hoje é estudada e espalhada por muitos espaços educativos diferentes.

como o Teatro fórum (BOAL, 1975) e o Teatro imagem (BOAL, 1975), para serem desenvolvidas pelo Educartista, nas salas de aula do ensino básico.

Como *ser-estar artista*, tenho a intenção de contribuir e fomentar minhas perspectivas nessa escrita: relatar saberes-vivências-existências, estabelecendo uma estrutura de narração de acontecimentos, de notas expositivas, de pistas autobiográficas, por meio da composição criativa, poética, brincalhona que colabora para as vivências desse corpo vivo artístico ético-estético-político-consciente sobrevivente no mundo, que tem sede de mediar e ser uma diferença para construção de uma estrutura educacional artística inovadora.

Uma escrita íntima, vulnerável e expressiva dedicada às leitoras e aos leitores que creem na potencialidade da educação, em específico ao ensino de arte, e que apostem em práticas pautadas na coletividade. É isto que me conduziu à inspiração de experimentar/refletir, uma proposta de prática pedagógica como um ato político sensível, uma prática capaz de comungar as trocas e interações por meio do AFETOEMPATIA, de modo a enriquecer nossas estruturas por meio de diálogos e escutas. Com base nisso, busco promover uma educação revolucionária e emancipadora, com foco no protagonismo e na integração para promover um ensino mais equânime.

O intuito é praticar sensibilidades para a escuta das diversas realidades, as diversas estruturas, os diversos acessos de cada estudante, de modo a observar várias camadas de interferências, do micro para o macro e vice-versa, que intervêm em nossas dinâmicas de socializações. O ensino de arte me ensinou a propagar e a enaltecer a importância de falar, escutar, manifestar, posicionar, se expressar.

Pretendo integrar as minhas bagagens vivenciais às bagagens das vivências que já estão presentes no espaço da sala de aula. Quem é você nesse espaço? Quem é você que habita/ocupa aquele espaço? Quem somos nós nesse espaço? O que queremos fazer desse espaço? Educartista como ser inventivo-mediador-coletivo que contribui a favor de um ensino de equidade, percebendo o que cada um necessita para promover práticas pedagógicas mais acessíveis, de modo a reconhecer os desequilíbrios que provocam exclusão. Sendo assim, um desafio a nós educadores seria articular uma prática pedagógica capaz de inserir dentro do processo do dia-a-dia escolar o encontro-acontecimento da proposta AFETOEMPATIA.

FLUXO DA CARTA

23 novembro de 2022. Quarta-feira 15:30. BCE- UnB.

A pesquisa se utiliza da etnografia da prática escolar (ANDRE, 1995) para o levantamento do problema e segue com a pesquisa bibliográfica na tentativa de dialogar com os conceitos e propor abordagens que visem minimizar as precariedades da formação educacional em ambiente escolar. Assim, desenvolvo escritas sobre o que envolve AFETOEMPATIA, com base em ideias de uma educação indígena, da Comunicação Não Violenta (CNV) e Escuta Sensível. Espero contribuir para construção da equidade nos processos escolares.

Escolhi a opção de fazer escritas poéticas por meio de cartas onde desenvolvo uma breve explicação de cada parte do sumário, de forma literária e em meio a relatos pessoais.

Faz-se importante esclarecer que a prática da escrita apresentada ao longo das cartas é revezada entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural da gramática brasileira. Isto porque busquei representar minhas vivências pessoais na proposição de defender o reconhecimento da minha existência, comungando de perspectivas de outras autoras, autores, educadoras, educadores e mestres que contemplam os temas abordados, somadas às vivências espirituais diversas.

Registro, aqui, um lado da minha experiência com o teatro: a primeira vez em que me apresentei no palco. Percebi minhas pernas tremendo, minhas mãos suando e vários olhares apontados sobre mim. Um silêncio enorme. Eu tinha um texto a recitar, falava muito baixo, por medo ou por vergonha do julgamento. Minha fala inaudível; foi a primeira vez que me expressei em público, ainda que com medo. Querendo fugir, meu corpo estava fixo sentindo a adrenalina daquele espaço. Esse primeiro contato com o teatro foi na Escola Parque 210 Norte. Acontecia uma vez por semana, contava os dias para chegar a tão sonhada quarta-feira à tarde. Queria ir ao encontro da turma e da professora. Ela usava óculos, negra, cabelos afro, sempre com uma faixa diferente na cabeça. E não esqueço do seu sorriso com um olhar brilhante em minha direção. Ela via uma inspiração em mim como eu também nela. É uma pena não me recordar do seu nome, mas tenho lembranças emotivas presentes em minhas memórias, uma semente do despertar do afeto aconteceu. Mesmo muitas vezes querendo estar escondida atrás das coxias, hoje entendo o peso respeitável de pisar no palco da vida.

O intuito principal de discorrer sobre a criação dessa escrita está vinculada ao que o Teatro, o Ensino de Artes, meus percursos e construções artísticas me

desenvolveram para ser uma pessoa aberta ao universo, preparada para a vida, capaz de promover um espaço de sensibilidade e de encontro, permitindo ver formas além do convencional, compreendendo o mundo de forma integrada.

O ensino de artes cênicas demarcado por possibilidades de criações e produções de saberes, cada corpo agencia um conhecimento, a importância na educação de reverberar esses saberes-corpo-tempo-memória por meio que a arte proporciona essa liberdade de expressão que são intrínsecas às suas estruturas. Serve, assim, como um espaço que abre possibilidades para poder usá-la a favor do desenvolvimento de estudantes mais independentes, autônomos, emancipados e que exercem suas liberdades de expressão, sem serem silenciadas e censuradas.

Ao subir aquele palco pela primeira vez, meu corpo já estava carregado de silenciamento, repressão e medo. Quando tive a oportunidade de me expressar em público, mesmo através de um texto ensaiado, não consegui me apresentar com todo o potencial. Aquele corpo não estava preparado e não teve ainda a oportunidade de desabrochar. Mas aquela experiência de subir no palco e falar para uma plateia foi o acontecimento que me estimulou a quebrar as barreiras desse corpo silenciado.

Audre Lorde, nascida em Harlem, assumida escritora, poeta negra e lésbica. Em um trecho do livro: *Irmã Outsider*, sobre ensaios e conferências traduzido por Stephanie Borges, me faz recordar um exemplo do que seria esse corpo silenciado em que vivi enclausurada pelo medo. Ela escreve:

Muitas vezes penso que preciso dizer as coisas que me parecem mais importantes, verbaliza-las, compartilhá-las, mesmo correndo o risco de que sejam rejeitadas ou mal-entendidas. Mais além do que qualquer outro efeito, o fato de dizê-las me faz bem(...). Que palavras ainda lhes faltam? O que necessitam dizer? Que tiranias vocês engolem cada dia e tentam torna-las suas, até asfixiar-se e morrer por elas, sempre em silêncio? (...) Cada uma de nós está hoje aqui porque de um modo ou outro compartilhamos um compromisso com a linguagem e com seu poder, também com a recuperação dela que foi utilizada contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é de uma necessidade vital para nós estabelecer e examinar a função dessa transformação e reconhecer seu papel igualmente vital dentro dessa transformação (...) O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper (LORDE, 2020, p. 51-57).

Lorde, provoca em mim reflexões que me levam a romper o silêncio resultante da repressão social, racista, sexista, cultural, artística e educacional gerado por censura, condenação, controle, me dá a possibilidade de transformar esse silêncio em ação.

Essa percepção, em particular, é dificultada por carregar juízos de valor, que perpetuamos sem a identificação da origem, censurando o espaço de se expressar. E faço desse silêncio reprimido do meu corpo, do meu ser, do meu pronunciar permitindo construir uma licença poética nessa pesquisa, que não contribuem para a humanização necessária ao mundo de hoje.

AFETO

28 de dezembro de 2022, Sábado Varjão-DF.

Antes de entrarmos nessa descoberta que fez a junção da palavra AFETO e EMPATIA, sinto necessidade de organizar o percurso de forma a esclarecer os significados envolvidos. Por várias óticas e percepções, me deparei na dificuldade de encontrar e conceituar a palavra com apenas único significado. Impossível. Confesso, porém, que gostaria de explorar a palavra afeto pela via da neurociência, por questões de ser algo sistêmico e cognitivo, intrínseco e inato do ser humano. Para isso faz-se necessário abordar a distinção entre emoção e sentimento.

O professor neurocientista Pedro Calabrez⁷ descreve no seu vídeo uma pesquisa do António Damásio⁸, no Youtube “O que são Emoções e Sentimentos?” Discorro em tópicos um breve resumo dessas perceptivas, sendo importante ressaltar que Calabrez (2016) faz essas distinções porque são estruturas neuroanatômicas e neurofisiológicas, sendo que as estruturas e circuitos cerebrais que são responsáveis de mediar as emoções não são as mesmas responsáveis por mediar os sentimentos. E que nem sempre uma emoção se tornará consciente.

- **Emoções:** Emoções são programas de ação, coordenadas pelo cérebro que gerenciam alterações em todo seu corpo, servindo-se de um modo inteligente da natureza para fazer com que um ser vivo aja sem perder tempo. Como por exemplo: quando ele está em perigo. Emoção tendo a ver com ação, gera comportamentos biologicamente vantajosos a uma necessidade imediata. Emoção é automática e não temos controle volitivo, não conseguimos controlar emoções com a nossa vontade. As emoções existem para garantir nossa sobrevivência. Emoções estão sempre associadas a estímulos, podendo ser externos

⁷ Doutor em Ciências (Ph.D) em Psiquiatria e Psicologia Médica pelo Laboratório de Neurociências Clínicas (LiNC) Fundador da NeuroVox, possui um canal no Youtube com mais de dois milhões e meio de inscritos.

⁸ António Damásio, especialista sobre neurobiologia das emoções, autores do livro: “O erro de Descartes, emoção, razão e o cérebro humano”, “O cérebro criou o homem”. Co autor: “Princípios de Neurociências” no capítulo específico: Neurobiologia das emoções.

e internos, operando numa escala de valência: positivo a negativo. Emoções servem para gerar comportamento (CALABREZ, 2016).

- **Sentimentos:** assumir consciência da emoção. A percepção consciente e parcial de emoções, de um programa emocional. Envolve memórias, ideias e planejamentos futuros. A percepção de si próprio, a sua identidade, a sua personalidade. (IBIDEM)
- **AFETO:** O sistema afetivo por sua vez é composto pelos mecanismos neurais das emoções e sentimentos (afetos). (IBIDEM)

Isso mostra, que o entendimento do afeto revela uma condição inseparável das emoções e dos sentimentos, consistindo em algo inato do ser humano. Observo que o processo de ensino-aprendizado nas escolas possa caminhar para desenvolver as habilidades de ter consciência afetiva. Dialogar diariamente no campo das vivências afetivas, não é algo que consideramos distante e a interação do ensino que se proponha dialético não é algo que ocorra apenas com lado intelectual, racional. De modo que o lado racional não se desenvolve sem o lado afetivo, e vice-versa.

A afetividade utilizada como bússola, talvez o professor possa proporcionar uma assimilação mais completa do conteúdo proposto na escola, para que desenvolvam consciência das suas emoções e sentimentos de forma integrada ao ensino, por meio de colaboração no processo de descobrimento de suas identidades, afetividades e afinidades que são bases indispensáveis para o processo de construção do ser-indivíduo-no-mundo.

O PROCESSO AFETIVO INICIA NA INFÂNCIA

30 de novembro de 2019, Sexta-feira.

Abro um parêntese para compartilhar um aspecto sobre o desenvolvimento da afetividade que o professor Daniel Munduruku⁹ traz como uma perspectiva atemporal, registrada numa das entrevistas publicada na plataforma *YouTube*.

Daniel Munduruku relata:

⁹ Munduruku, nasceu em Belém, PA, do povo Indígena Munduruku. Formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia, integrou o programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na USP. Lecionou durante dez anos e atuou como educador social de rua pela Pastoral do Menor de São Paulo. Esteve em vários países da Europa, participando de conferências e ministrando oficinas culturais para crianças.

A criança não pode se preocupar em ser um adulto, ou querer ser um adulto, ou desejar ser um adulto. Cabe a ela vivenciar extremamente aquele momento em que ela está vivendo. Ela precisa de espaço, precisa de brincar, de jogos, desenvolver sua criatividade. Porque isso que depois vai dar para ela uma atuação como adulto. Um adulto que não viveu sua infância, vai ser sempre criança. Porque ele vai estar o tempo todo buscando uma infância que não viveu. Um adulto indígena ele não quer ser criança porque ele viveu plenamente o seu ser criança. E seu ser criança está integrado nele. Portanto quando passa a ser um adulto, ele é um adulto. Ele vive como um adulto, ele pensa como um adulto. Porque aquele momento que ele está vivendo é único e especial. Daqui a pouco ele vira um velho. Plenamente velho, plenamente sábio. E um sábio só fez quando consegue se desenvolver cada fase da sua vida (MUNDURUKU, 2012, 4:11).

Em nossa sociedade a noção de tempo calculada, é bem diferente dos Mundurukus, a escola é a primeira a querer encurtar ou acelerar a vivência do Brincar, parecendo com que o recreio, ou o intervalo seriam os *únicos momentos* que elas sentem *livres para brincar* no que quiserem como no parquinho, com os amigos, de pula corda, pique-esconde, pique-pega, bola; presenciei vários momentos que os professores reclamam até da dificuldade de voltarem a aula após o recreio por estarem *extremamente energizadas* e com dificuldade de puxar e retomar a atenção para o conteúdo, empurrando a criança para um mundo chato e exigente, distante da consciência do afeto, das sensibilidades existentes que faz parte da vida. Na necessidade de servir o tempo do sistema conteudista-capitalista. O velho raramente é respeitado em nossa cultura, assim com as crianças. Provavelmente por pertencerem à uma faixa improdutiva em um mundo capitalista, que é muito diferente dos valores dos povos indígenas. E o autor continua mostrando a importância do brincar. Quando diz sobre a “pedagogia do seu povo”, ele afirma que:

Os jogos e as brincadeiras são fundamentais... Criança que não brinca, ela não cresce equilibrada, a brincadeira faz parte da educação integral do ser humano, e esse ser humano pequenino que não é um adulto em miniatura como as vezes na cidade se diz, que ‘a criança é um adulto em miniatura’. A criança não pode ser tratada como adulto em nenhum momento. Então quando ela brinca, ela tem que brincar plenamente, se entregar a esses jogos, às vezes disputa, às vezes a disputação com amigo que não é uma competição que se dá na cidade, mas naquele momento ele está educando o corpo dele, educando a mente. Quando as crianças se reúnem para discutir uma brincadeira, eles estão treinando sua capacidade de negociação. Portanto tudo é um processo educativo que a criança vai vivenciando. Cada povo tem à sua maneira de desenvolver a sua didática. Entre os indígenas eu creio um caminho que tem percebido no cotidiano deles. É de que a criança ela precisa, se sentir, se empoderar daquele momento que ela está vivenciando, de que só ela pode vivenciar. E que possa colocar para fora todo o seu ser criança, para que ela cresça integralmente. Daí a gente não cria adultos estressados, adultos mal-amados. Que não sabem desenvolver a sua afetividade. (2012, 8:28).

Daniel Munduruku, e as tradições da sua comunidade localizada no estado do Pará, me instigaram, encantaram e fizeram perceber a educação pela ótica que reforça persistirmos no Ensino Decolonial¹⁰. Consciência que me permitiu observar como a estrutura opressora encaminha a criança a seguir um padrão de escolhas adultas, com falas comuns que dizem: “o que você vai ser quando crescer?”. Atitude que a coloca em um lugar de alguém sem importância social, puxando um protótipo de construção humana que ainda vai vir a ser. Como observo, a escolha da profissão quando criança, seria a sua identidade, aceita ou não em sociedade, dominando quem é você no mundo.

Munduruku diz que a criança não pode se preocupar em ser um adulto, e é necessário dar espaço à criança para brincar, crescer em cada fase da sua vida de forma integral, porque aquele momento é único e especial. Ao percorrer as etapas da vida humana, respeitando cada fase da vida integralmente, ela poderá ter a oportunidade de acessar e desenvolver a sua afetividade.

Respeitando esses processos de desenvolvimento, é possível perceber que a criança que teve espaço de brincar, se entregar aos jogos, despertar e expressar sua criatividade tem maior possibilidade de manifestar suas seguintes etapas de vida, de forma saudável e equilibrada. Daniel aponta que segundo os princípios que regem nosso existir, a vida é feita para ser vivida com a intensidade que o momento nos oferece. Essa “filosofia” se baseia na ideia do presente como um presente que recebemos de nossos ancestrais e pela certeza de que somos “*seres de passagem*”, portanto desejosos de viver o momento como ele se apresenta. (Munduruku, 2009, p. 27).

Afetividade é uma das abordagens que considero de suma importância para dedicar como educadores conscientes nos espaços educacionais. Existindo a afetividade, a troca, o diálogo, buscando estruturas coletivas podemos diminuir e encontrar um espaço educacional menos desigual. Revertendo as tendências tradicionais em vias como a educação Bancária (FREIRE, 1997) e a educação Tecnicista (FREIRE, 1997), tomada pelas desigualdades sociais, econômicas, tornando-a menos precarizada.

¹⁰ É um conceito carregado de sentido pelos movimentos sociais indígenas latino-americanos e que questiona a colonialidade do poder, do saber e do ser. Denota outras formas de pensar e se posicionar a partir da diferença colonial, na perspectiva de um mundo mais justo. Abordagem de uma Pedagogia decolonial e uma educação antirracista e intercultural no Brasil.

MARIANA NA INFÂNCIA

Agosto de 2020, Brasília- DF.

Ressalto uma memória muito marcante em minha vida, em que a mãe de uma amiga, professora de literatura, disse-me: “Adoro a Mari aqui em casa. Ela é muito divertida. Inventava brincadeiras, ela é a casa, ela é o fogo que pega na casa, o monstro que corre atrás das crianças, é todos os personagens da história, o cenário, e a Maria Elisa e o Matheus são os aventureiros com ela”. Emociona-me lembrar e registrar isso agora, por me fazer relembrar a capacidade que eu tinha de levar a imaginação de todos, a embarcar junto na minha aventura.

Era uma criança que fazia de tudo para brincar, não tinha tempo ruim, brincava sozinha, brincava com meus bichos de pelúcia, adorava brincar na mata, no parquinho, na lama, na terra, com a natureza, até com as baratas que andavam pela casa. Eu era aquela criança que chamava o outro sem mesmo conhecer para brincar, tudo para mim era motivo para brincar e rir. Porém desde muito nova fui ensinada a ser uma mini adulta mulher por volta dos meus 7-8 anos de idade, já sabendo a lavar minhas próprias roupas, a cozinhar, a passar e limpar, praticamente fazendo tudo dentro de casa. Desde os meus 10 anos ia sozinha para escola.

Considero que minha infância foi muito complexa, a situação que vivi de aprender desde muito pequena a me virar sozinha com o contexto da minha família, do *pensamento da roça*, de *aprender tudo na marra*, aprendi a me preocupar logo a ser uma *adulta*. Apesar disso tudo, eu não deixei de ser a criança que amava brincar, a brincadeira estava entrelaçada na importância de estar feliz, aprendendo brincando em desenvolvimento.

É aí que entra a minha criança interior em que descobrir no teatro: no brincar, o lugar do lúdico. Meus ambientes vivenciais foram oferecendo para mim as experiências do ato de brincar como a parte mais legal da vida, o divertimento sem qualquer objetivo, de ganhar ou perder, apenas brincar aprendendo, brincar vivenciando. E que não dá para descartar do aprendizado inato no processo do crescimento que me preparou para vida. Muitas vezes digo para mim mesmo que talvez seja a criança que não quer crescer para a vida adulta. Mas sempre fui uma adulta cuidando dessa criança. Acho que por isso que o teatro me retoma nesse lugar do contato das brincadeiras novamente. Em que aprendi possibilidades de lugares, que podemos entender melhor as dinâmicas de convivências, a interagir, avaliar riscos, resolver problemas, descobrir estímulos, desenvolver coragem, expressar a criatividade, a imaginação, a ouvir, a aprender negociar, trabalhar em coletivo, trabalhar em coletivo, eu já disse em trabalhar em coletivo? Daí emergiram

indícios e sintomas que me fizeram a ter a necessidade de expressar a poesia da vida. A importância que o teatro possibilita em se descobrir, a importância do protagonismo, das vivências-memórias, da construção e descoberta da nossa personalidade.

No meu lugar de criança eu não me preocupava em *ser alguém*, talvez eu brincasse de *ser alguém*, em meios aos personagens. Mas eu simplesmente estava sendo criança, mesmo me obrigando a já pensar e ter obrigações de ser uma adulta. Nessa perspectiva enalteço a importância que os jogos lúdicos, a brincadeira, o ato de brincar, me abriram para o encantamento de ter sede de viver, me colocando em abertura para manifestação do saber, conhecer, compreender a vida simplesmente pelo o ato de brincar. O encanto de estar ali totalmente entregue àquelas brincadeiras, jogos, atividades, exercícios lúdicos, onde vejo o lugar que se encontra um estralar de dedos: *a magia*. Isso me faz lembrar do que Daniel Munduruku diz sobre de estar educando o corpo e a mente, pelo ato de brincar, do compartilhar, do conviver. A brincadeira faz parte da educação integral do ser humano (MUNDURUKU, 2012).

AULA DE ARTES

28 de abril de 2019, Domingo, Brasília-DF.

Compartilho também uma sensibilidade de percepção como estudante e educadora, em espaços que obtive a oportunidade de atuar na minha área, ensino de artes, e em ensinos educacionais¹¹. Consigo perceber com nitidez o quanto a aula de artes acaba sendo vulnerável ocorrer pouca abertura das sensibilidades dos estudantes, como falas que presenciei em como monitora de teatro: relações pessoais dentro de casa, traumas, estruturas econômicas e sociais, que deveriam ser resultantes das vivências escolares mesmo quando não sejam elencadas como objetivo explícito da aula. Experiências vividas e presenciadas nesses ambientes de aula me trouxeram a interpretação de falha na formação do estudante como sujeito sensível e ativo.

Por ser um campo que interage com as subjetividades, acolhe as alteridades e dá espaço para se expressar, uma hora ou outra, esse lugar de sensibilidade afetiva no ensino

¹¹ Programa de residência Pedagógica em Escolas Públicas do DF, Ensinos Médios. É um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, (2018-2019). Experiência Educador Social voluntário ensino fundamental I e II Escola Parque rede pública, Brasília- DF, (2017). NAPNE- Núcleo de Atendimento Pessoas com Necessidades Especiais, comunidade surdas, Instituto Federal de Brasília- IFB, (2015-2016). Universidade de Brasília, Disciplinas Pedagógicas, atuação monitoria disciplinares, (2015-2023). Catequista Primeira Eucaristia - Paróquia Nossa Senhora da Esperança, (2013).

de arte acaba sendo, e deve ser, acessado. Dessa forma, o desafio principal é a tendência comum do ensino de artes ser associado como *terapia*, porque a arte tem a possibilidade de ser terapêutica. Porém, na escola, o objetivo é pedagógico, formador e emancipador, não podendo se ater à função terapêutica. Resta a mim, da análise desse ambiente escolar e das possíveis formas de reerguimento da sensibilidade na formação individual, o desejo e a proposição de que as aulas de arte seja um espaço de abordagens que possibilitem trabalhar a consciência afetiva, emancipadora (FREIRE,1997) e libertadora (HOOKS,1994). Visando uma educação para rumo a autonomia dos estudantes.

Com essas reflexões (FREIRE, 1997) associa várias perspectivas provocativas de como a pedagogia educacional esteja interligada com o contexto escolar. Como educadora elenco uma pedagogia do teatro: com o objetivo de construirmos práticas pedagógicas baseado no contexto de cada estudante, que a importância de escutar as suas vivências desperte perspectivas e possibilidades de criar práticas que esteja a serviço das necessidades. Faz-se importante essa prática pedagógica pois os estudantes trazem consigo nos seus saberes-corpos-tempo-memória uma gama de conhecimentos oriundos do seu universo que pertence as suas vivências, sendo um desafio aos Educartistas promover a organização desses conhecimentos, relacionando os saberes trazidos pelos estudantes com a junção dos saberes escolares, por assim, não canalizar um saber hegemônico com efeito de valorizar a sua cultura e sua oralidade promovendo uma aprendizagem que ocorre coletivamente entre o *conhecimento antigo* e *conhecimento atual*. Subvertendo a naturalização do sistema opressivo, ensinando a questionar e promovendo espaços de diálogos, um ser que se constitui além das potencialidades que a sociedade capitalista e o impõe gerando sujeitos e sujeitas que produzem e agenciam conhecimentos da história, das realidades, as realidades dinâmicas, contraditórias e complexas.

Ainda com a sensação da necessidade de mudança e na intenção de repensar o ambiente de sala de aula, tive a oportunidade de participar do programa de bolsas da Capes pela Residência Pedagógica¹², um projeto que atuou nas Escolas de Ensino Médio do Distrito Federal. O local onde, nesse projeto, residi por mais tempo foi a escola CEDLAN (Centro Educacional Lago norte) que, localizada no Lago Norte, uma área nobre e de alto poder aquisitivo da capital federal, e em frente à um batalhão de Polícia Militar (PMDF), era frequentada por estudantes em sua maioria pobres e carentes,

¹² Programa de residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES(2018-2019).

moradores das regiões administrativas do Varjão, conhecida pela insalubridade, problemas sociais e ambientais e por abrigar população de baixa renda, e do Paranoá, localidade também afetada pela falta de infraestrutura e pelos problemas socioeconômicos.

Nesta oportunidade pude desenvolver um projeto de oficina teatral, sempre às sextas feiras, que nomeie “Teatro-eu-nós”, visando proporcionar um espaço de auto descobrimento corporal e afetivo, um lugar acolhedor, importante para a prática, a construção e a descoberta do *eu* (como a descoberta da nossa identidade e personalidade) e do *nós* (como coletivo, que contribui para o espaço de descoberta individual em conjunto). Os planejamentos das aulas carregavam desde uma mistura de dança-poesia e exercícios de jogos teatrais desde Boal (TO, 1991) até dançar funk brasileiro para aquecer o corpo e promover a autopercepção física. Além das proposições de movimento e busca da ativação corporal, era comum sentarmos todos juntos ao final para conversar e entender as vivências daquele momento e de outros.

Em um dos encontros, sentei-me em roda com os estudantes e lancei a indagação para fazê-los questionar as relações escolares: “que opressões vocês sentem que pode existir na escola?”, “que opressões vocês veem na escola?”. A maioria respondeu, de primeira, não com palavras, mas com olhares pensativos, que em meio a um silêncio sepulcral que pairava na sala, davam início ao momento reflexão pessoal. Aguardei o tempo deles e quebrando o silêncio surgiu a pergunta “como assim, professora, opressão?”, era o momento ideal para trabalhar o assunto pois a vontade de conhecer veio deles, a indagação era importante para que as duas primeiras perguntas fossem respondidas. Devolvi com outras perguntas e exemplos de opressões como o racismo, a homofobia, a transfobia e o machismo motivando-os a nomear possíveis opressões sofridas. Por incrível que pareça a maioria demonstrou que não havia muitas evidências disso na escola, deixando a entender que era mais fácil depararem com essas opressões dentro de casa.

Foi quando lembrei como residente escolar. Minhas lembranças vinham com a sensação de que a escola realmente possuía *empoderamento* e impulsionava o respeito às diferenças. Existiam casais homossexuais que não se escondiam, passeavam pelos corredores de mãos dadas e recebiam olhares acolhedores e normalizadores. Era também possível sentir a aceitação da negritude (tanto que a maioria dos estudante tinham traços e fisionomia de pele escura), não só nas relações interpessoais como no próprio ambiente

físico escolar que exalava esse acolhimento de tal maneira que as paredes da escola tinham pinturas, desenhos e grafites com imagens de respeito.

Uma das mais marcantes expressões visuais dessas paredes era a pintura de uma mulher negra com um *black power* com um pente garfo no cabelo, ao lado, uma pintura conhecida: Abaporu da Tarsila do Amaral, relida e resinificada para uma pessoa negra; dentre outras criatividade que observei com admiração e inspiração nessas produções educativas que a professora de artes visuais estimulava através de projetos à toda a comunidade escolar.

Em suma, retornando para a roda de debate, alguns estudantes começaram a se pronunciar e foi quando meu caderninho colorido foi sendo preenchido com os relatos, a caneta rapidamente buscava acompanhar o que relatavam. Nesse momento já era possível ouvir que existiam opressões em relação a aparência, no jeito de se vestir, na valorização de grifes e roupas de marca, de qualidade, na ideia de que seriam mais aceitas ou vistas como um padrão de uma boa aparência.

Relatos também surgiram indicando preconceitos quanto a aparência física, principalmente um que contava a história da criação de um perfil no *instagram* (uma rede social conhecida pela publicação de fotos de seus usuários) com a intenção de fazer comparações e competições entre “alunas e alunos mais bonitas da escola”, assim como a denominação dos “mais feios e as mais feias”. Impossível dizer que não senti um incômodo, por ter a noção de que essas opressões, como a do estereótipo de beleza padronizada, quando vão para o lado virtual configuram uma agressão muito destrutiva.

A covardia de quem perpetua esse preconceito virtualmente pela vantagem anônima da rede social e a reverberação que as redes sociais propagam numa proporção que pode chegar a não ter controle específico, geram traumas e constrangimentos àqueles que fizeram parte da enquete. Me relataram que isso foi um acontecimento específico, e que depois disso nunca mais aconteceu, a partir do ocorrido as pessoas não deram mais reputação para perpetuar esse constrangimento.

Senti que começavam a ficar mais à vontade para expressar as opressões, alguns faziam relatos pessoais, porém tive que reforçar de forma acolhedora e ética que voltássemos a observar os fenômenos da escola. Conversa vai, conversa vem, e uma estudante relata existir opressão entre os professores. Nesse momento, imediatamente paro de escrever no caderno e começo a prestar mais atenção no que ela dizia. Outros estudantes, contagiados pela fala dela, começaram a se pronunciar, exemplificando tais opressões: os professores pediam que os estudantes se calassem, ignoravam ou

desprezavam suas ideias, elegiam *preferidinhos* e tratavam os demais de forma diferente, faziam comparações entre os estudantes, levavam os problemas em sala para a direção, ocasionando advertências, e assim por diante.

Os relatos apontavam para a percepção de que os professores eventualmente agiam de forma abusiva e autoritária, e tal abuso de poder era exercido nas avaliações dos estudantes, nas notas que atribuíam a cada um, na classificação ou rotulação que faziam de acordo com suas próprias crenças, podendo decidir sobre o destino escolar de cada um deles. O professor detém o poder quando escolhe unilateralmente os assuntos a serem abordados, elabora questões, julgando se são adequadas, corrige e qualifica, aprova ou reprova. Ao educando, resta submeter-se a esse ritual e temer a exclusão (LUCKESI¹³, 2000, Jornal do Brasil).

Os relatos sobre os professores provocaram em mim uma reflexão: e quando minha própria posição é de opressão? E quando eu mesma, pelo lugar que ocupo, estou suscetível de produzir opressões? Que contradições estão em jogo na posição de uma professora abordando as opressões que os estudantes relatam sofrer? Não foi fácil contornar essas reflexões, de modo que não impedissem o trabalho. Acolho o que dizem, gosto de como se expressam, valorizo o espaço aberto que criamos para que possam não se sentirem julgados, espaço baseado no diálogo e na escuta sensível. Faço este relato para destacar que foi nesse momento que uma semente foi plantada, a partir da qual fui provocada pela expressão AFETOEMPATIA.

EMPATIA

24 de janeiro de 2021 às 09:17, Varjão- DF.

Em meus processos acadêmicos, tive a percepção de que nas disciplinas de metodologia de ensino de teatro, por exemplo, costumávamos dialogar e debater sobre afeto. Observava que no ensino de artes temos facilidade de proporcionar *espaços de afetos*, mas sentia que havia certa confusão entre os termos afeto e empatia. Ainda que possam ter relações entre si, considero duas palavras que apontam para significados distintos. Por esta razão, considere importante fazer a fusão das palavras, de modo a sugerir o termo AFETOEMPATIA. Para isso, estive amparada na percepção de Calabrez

¹³ LUCKESI, meu primeiro contato com esse autor foi na Disciplina de Estágio, sob orientação Café, em que reconheci que a avaliação é um ato amoroso, uma vez que se trata de acolher a realidade do outrem como ela se apresenta, com o objetivo de possibilitar uma transformação positiva.

(2019) a respeito da empatia, e assim me aproximo desse entendimento para abordar as aproximações possíveis entre a CNV e a Escuta Sensível.

Em uma das suas palestras no Centro Cultural, localizado na avenida Paulista, publicada no *YouTube* no canal *NeuroVox Academy*, Calabrez (2019) realiza um exercício com a plateia que estava presente no auditório para exemplificar o equívoco que temos sobre empatia, pois consideramos “que empatia é se colocar no lugar do outro”. Porém, tal ação poderia gerar uma falsa empatia. No exercício que ele propõe, explica: “o que é de fato significa empatia?” e “o que é essa empatia que nós devemos exercitar?”. No palco, pede aos participantes que segurem a mão da pessoa sentada ao seu lado e que observe o que está sentindo. Ele brinca: “carinho?”, “vergonha?”, “tesão?”.

Então, enfatiza apenas uma pergunta que gostaria que respondessem de forma direta, com sim ou não: “você está sentindo a mão da pessoa do lado?”, e um coral reverberou na plateia afirmando: “Sim!”. Irônico, Calabrez devolve à plateia que não. Vocês não sentem a mão da pessoa ao lado, o que sentem é a própria mão apertada por ela. Se injetassem um anestésico em seu braço, ele continua, o braço adormeceria, e então vocês seguem sentindo a mão da pessoa? Não seria possível, pois o braço adormeceu. Ele demonstra nessa analogia que o que cada um sente é a própria mão e não a do outro. Nunca poderemos sentir o que a outra pessoa sente, pois para sentir a mão da outro seria necessário que os nervos cerebrais estivessem ligados na mão da pessoa. O neurocientista certifica que podemos refletir sobre essa ideia de que nunca sentiremos o que o outro sente, já que seria necessário que as terminações nervosas do nosso cérebro estivessem interligados ao corpo da outra pessoa, e que cada um sente o que é capaz de sentir. Traz, assim, lições importantes:

Empatia não é se colocar no lugar do outro, porque se nós se colocamos no lugar do outro, é com nossa cabeça tentando entrar no lugar do outro, portanto empatia é entender que o outro é outro. Que ele tem outra história, outras dores, outras competências, outras fraquezas, outras forças, outro perfil emocional. Que aquilo que é dor para outra pessoa, pode não ter sido para você, mas isso não diminui a dor da pessoa, porque tem gente que faz a comparação que para ela foi mais tranquilo, portanto isso é um problema seu, porque você não sentiu o que a outra pessoa sente, e para ela pode ser algo realmente grave, e mesma coisa com a alegria. E que a gente promova confiança precisamos de mais empatia, entender a questão de diversidade no sentindo amplo, somos diferentes e nunca seremos capazes de estar dentro do corpo de outra pessoa, por isso precisamos ouvir mais, ouve sem julgamento, ouve sem preconceito, que entendemos que a pessoa é outra e respeita o fato de ela ser outra, sendo isso essencial para que construa um ambiente de confiança (CALABREZ, 2019. 56:49).

Calabrez (2019) traz de forma lúdica e dinâmica o entendimento de que empatia é conceber cada um como único, com sentimentos e emoções próprias, desmitificando

esse conceito que reverberamos de que empatia é se colocar no lugar do outro, sendo mais fácil perceber o outro como outro, com suas diferenças. Através da empatia, seria possível construir uma ponte afetiva e emocional com a/o outra/o, que vem por meio da escuta, a escuta verdadeira presente, para conseguir entender a percepção da a/o outra/o. Vale ressaltar que essa percepção do autor se origina na referência: quando diz que empatia não é sentir o que o outro sente, está na verdade chamando de empatia o que os cientistas chamam de compaixão¹⁴.

ESCUA SENSÍVEL

11 de maio de 2021 às 03:07– Varjão-DF.

Seguidamente a importância de enaltecer a escuta das vivências dos estudantes, em prol de perspectivas de possibilidades de práticas pedagógicas em sala de aula, escolhi René Barbier¹⁵ como fonte dessa escuta, afinal o mesmo baseia a escuta à um estado de meditação (ou seja, um acontecimento), fluída e espontânea agindo sem mesmo pensar, como uma ação imediata e adaptada naturalmente ao acontecimento (BARBIER, 2007, p. 100).

1) E o que a escuta sensível vincula sobre empatia?

Um tipo de escuta própria do pesquisador-educador segundo a ‘abordagem transversal’ (...) A escuta sensível se apoia na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos e sistemas de idéias, de valores de símbolos e de mitos. A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional de outrem. O ouvinte-sensível não julga, não mede, não compara(...) escuta sensível se recusa a ser uma obsessão sociológica fixando cada um em um lugar e lhe negando uma abertura a outros modos de existência além daqueles impostos pelos papéis e pelo status. (...) antes de situar uma pessoa em “seu lugar” começa-se por reconhece-la em “seu ser”, dentro da qualidade de pessoa complexa dotada de uma liberdade e de uma imaginação criadora. A escuta sensível começa por não interpretar, por suspender todo julgamento. Escuta sensível aceita surpreender-se pelo desconhecido que, incessantemente, anima a vida(...) É como arte de um escultor sobre a pedra, que para fazer aparecer a forma, deve antes passar pelo trabalho do vazio e retirar todo o excesso para que a forma surja (BARBIER, 2002, p. 1/3).

¹⁴ Referência citada por Pedro Calabrez: Singer, T., & Klimecki, O. M. (2014). Empathy and compassion. *Current Biology*, 24(18).

¹⁵ René Daniel Barbier, sociologista francês. Criador da expressão: a escuta sensível na formação de profissionais de saúde. Realizado a palestra na Faculdade de Ciências da Saúde. Brasília, julho de 2002.

A escuta sensível se apoia na empatia, termo esse aqui escolhido pois muitas vezes podemos falar sobre escuta, mas não queria trazer como o simples ato de ouvir, e sim na necessidade de enxergar o/a outro/a. Uma escuta dispersa, carregada de julgamentos automáticos, narrativas internas, escassez de sensibilidade não é uma escuta construtiva e formativa. Barbier (2002) descreve uma escuta que se esvazia e suspende os julgamentos, os papéis impostos e os status, procurando compreender por meio da empatia, o comportamento do outro, a escuta que surpreende pelo desconhecido. Admiro que o autor aponte que a escuta sensível está mais próxima de uma arte do que de uma ciência, de forma que sejamos esculpidos, retirando-se todo o excesso para simplesmente ser um espaço de escuta. Uma oportunidade e possibilidade para nós educadores usarmos essa escuta sensível como ferramenta de abordagem no meio educacional.

Uma das formas mais generosas e sinceras de demonstrar respeito é ser um ouvinte-sensível, que ouve o outro atentamente e dá atenção ao que se tem a dizer, sem precisar interromper, esperar afoito sua hora de falar ou simplesmente não escutar.

COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

4 de junho de 2020 às 15:06, Varjão-DF.

2) O que a CNV vincula sobre empatia?

Rosenberg (2006), em seu livro, especificamente no capítulo 8, desenvolve exemplos do poder da empatia, traz consigo a gratificação do trabalho desenvolvido por ele em ouvir a maneira usada pelas pessoas, por meio da CNV, tornando possível fortalecer e se conectar com empatia aos outros. Exemplifica, assim, um ensino onde o corpo docente aprendeu a se expressar e comunicar de forma mais vulnerável e honesta. Os professores receberam as demandas dos seus estudantes com mais empatia e os estudantes começaram a se sentir mais confortáveis para se abrir e falar dos problemas que os impediam de se dedicar às aulas, o que estaria interferindo em seus estudos. Que a partir dessa ação, conseguiram dar continuidade à realização de todas as atividades pedidas, notando o poder da empatia em ação. Quanto mais se abriam as possibilidades de receber esses problemas e demandas, descreve que era maior o desempenho da turma e bem-sucedidas as tarefas educacionais.

Carl Rogers descreve o impacto da empatia em quem a recebe: Quando alguém realmente escuta sem julgá-lo, sem tentar assumir a responsabilidade por você, sem tentar moldá-lo, é muito bom. Quando sinto que fui ouvido e escutado,

consigo perceber meu mundo de uma maneira nova e ir em frente. É espantoso como problemas que parecem insolúveis se tornam solúveis quando alguém escuta. Como confusões que parecem irremediáveis viram riachos relativamente claros correndo, quando se é escutado. (ROSENBERG, 2006, p. 199)

Essa demonstração dá o exemplo de escutar sem ter a necessidade de consertar, minimizar, reduzir ou forçar as necessidades do outro, apenas ser um espaço, um espaço de escuta. Uma escuta que expurga, ameniza, alivia e descarrega.

Vale ressaltar nesse capítulo que o diretor teve o mesmo sentimento que descrevi na página 22, notando que essas experiências de escuta dos estudantes não ocupavam papel terapêutico. Ele relatou ainda que estava preocupado que esses acontecimentos extrapolariam o tempo, impedindo de cumprir as demandas dos conteúdos previstos. Em consonância às preocupações do diretor, os professores conseguiram receber com empatia suas falas, entendendo suas necessidades, oferecendo a garantia ao diretor, que por ser compreendido sentiu-se aliviado. Não há, na experiência descrita, diferenciação de hierarquia a partir da escuta. Dessa forma, trago com esses exemplos uma construção de caminhos coletivos por meio da comunicação empática.

A capacidade de oferecer empatia a pessoas em situações tensas pode afastar o risco potencial de violência (ROSENBERG, 2006, p. 202) observo que as tendências dos conflitos são ocasionadas pela forma como os educadores dizem as coisas, e não propriamente pela mensagem que está sendo dita. Tendo em mente a importância de aprender a se comunicar, Rosenberg (2006) por desenvolver a CNV, estimula a exercitar a empatia, visando a busca por uma comunicação empática. A escolha dessas proposições tem o objetivo de pensar a possibilidade da vivência em ambientes escolares menos agressivos, competitivos e que prossigam rumo ao acolhimento e cooperação.

A conversa compassiva é uma prática que exige que articulemos sobre sentimentos e necessidades e pode parecer intimidadora, afinal se torna uma exposição das nossas vulnerabilidades, porém percebo ser necessária para a conexão mútua com o outro. Diminuímos o lugar do julgamento automático e nos movimentamos para a observação, a percepção e as diferenciações entre as emoções e os sentimentos, a empatia na capacidade de compreender as suas necessidades e as dos outros, e o saber expressar e pedir, oferecendo assim uma comunicação não violenta, uma comunicação empática e que possibilita a qualidade das relações humanas. Com o intuito de enaltecer que o teatro tem possibilidades de promover potencialidades metodológicas que possa exercitar esses conceitos na prática.

EDUCAÇÃO ÍNDIGENA – MUNDURUKU

9 de novembro de 2020 às 19:19, Varjão-DF.

Nas perspectivas das educações indígenas, como retratado em entrevista publicada na plataforma *YouTube* há 10 anos, reflete uma percepção atemporal sobre educação. Daniel Munduruku (2012), quando interrogado sobre sua cultura, diz que acredita na capacidade de os povos indígenas usarem a sua cultura em seu favor e com isso terem um retorno das suas próprias ações, que durante muito tempo desenvolveram trabalhos, eventos, conquistas de espaços políticos e públicos. Às vezes, esquecemos da existência de um patrimônio que não é “material”, mas sim “imaterial” que são os nossos conhecimentos, “aquilo que nossos velhos guardaram na sua memória” e que esse “saber” tem sido pouco explorado por nossos povos da cidade.

Munduruku considera a educação um patrimônio muito importante, que educar para seus povos é um processo fundamental para a formação do ser humano, que isso começa na infância e com a criança. Em que esta é ensinada a conviver com as pessoas e o ambiente, não de uma forma separada, mas integrada aos demais. De modo que ela se perceba parte do ambiente, e não alguém que explora, explora no sentido econômico/financeiro que sustenta o modelo capitalista. Mas no sentido da integração do ambiente, para que possa conviver de forma humana, do saber amoroso e profundo de comungar com a “Mata¹⁶”, dedicando respeito por ser um espaço que não apenas onde se vive, mas reconhecendo como sagrada. Prossegue, ainda, questionando qual seria o “material didático” do seu povo, ele afirma que a educação indígena recebe da sua própria comunidade. Não sendo preciso o material didático tradicional, afinal as ferramentas da aprendizagem já estão dadas pela própria natureza: a criança aprende à partir daquilo que está vendo, daquilo que explora enquanto experiência, gerando conhecimento, assim como daquilo que utiliza para o entendimento de mundo, sendo então uma educação que não se dá de uma só vez, mas por um processo contínuo.

Essas percepções de Munduruku, abrem as perspectivas de observar uma possibilidade de vertente por meio da cosmovisão, observar a “árvore” e o “eu” como “um ser integrado”. Visivelmente, observamos as formas em suas estruturas físicas separadas, entretanto, questiono quem sou eu sem a existência da árvore. O que seria da

¹⁶ Mata, natureza, floresta: parto das perspectivas do xamã yanomami Davi Kopenawa, em que seu livro baseia nos acontecimentos políticos e espiritual: “A QUEDA DO CÉU”, na página 468: A terra como um ser que “tem coração” e “respira”.

árvore sem a minha existência? As existências se compõem, decompõem, e criam interligação, o qual esse (entre) tento expressar contemplando a palavra coexistência, coexistências.

Quem somos nós? Sem o compartilhar das relações de trocas do eu, o outrem e nós? *Eu-tu-nós*? Nessa lógica de caminho me baseio buscando interligar às raízes ancestrais. Da integração do saber, do saber imaterial, das riquezas que carregam a sabedoria do universo, da natureza e de quem estiver tendo a oportunidade dessa troca.

As ações inflexíveis das tendências tradicionais que alimentam relações de poder, moldam desigualdades em que não consigo como me enclausurar enquanto educadora, reforçando numa programação de sistema que mantém enquadrar crenças. Ensino esse que segrega e expõe a subalternidade: por classes, condições, privilégios e acessos, onde se desequilibram as intenções que corroborariam na construção de comunidades e sociedades colaborativas.

Sinto-me em uma ação antiética quando compactuo com essa percepção anestesiada do processo educativo, em que opera um estado indiferente, insensível, destruidor a sensibilidade humana. Como abandonar o mais precioso da instigação de sentidos e significados da importância existencial dos estudantes, que gera provocação, inquietação e descoberta do estado de pertencimento? A percepção anestesiada no processo educativo seria como entrar nos espaços educacionais blefando, fingindo, dissimulando ou burlando, gerando, assim, consequências em ações que propagam e alimentam a lógica de um sistema educativo excludente, que encoberta ou mantém as desigualdades.

Mediar esse caminho consciente movimenta por meio das trocas, da escuta e do diálogo, estando atento ao contexto e as realidades multidiversas. As ações baseadas nas tendências tradicionais moldam desigualdades, sua lógica está voltada à manutenção do sistema vigente ao priorizar o conhecimento ocidental, não oportuniza uma produção de conhecimento, o protagonismo e a cidadania política das minorias étnicas. Assim, é importante reconhecer que as práticas tradicionais silenciam as vozes de indivíduos dos grupos marginalizados, complementa (ibidem, p. 110), por essa razão, pontua a importância do trabalho pedagógico multicultural como um ato ético e político (SOUZA, RAPOSO, 2020, p. 420)¹⁷.

¹⁷ RESENHA DA OBRA "ENSINANDO A TRANSGREDIR: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE" - Maciana de Freitas e Souza e Patricia Lorena Raposo.

A voz de Munduruku, ecoa uma sensibilidade em mim sobre a forma didática que este ensina seu povo, e como o aprender e o ensinar estão integrados à natureza. Uma educação humanitária a conviver e a participar de todos os espaços de forma integrada desenvolvendo seu crescimento juntamente com o ambiente, uma estrutura de uma comunidade educativa.

Inevitável, com suas falas, não passar pela minha cabeça as raízes históricas do Brasil, o marco registrado nos livros de história tendo o nosso país sido descoberto por acaso, uma história narrada e representada por um dos lados, enviesada. Ocultando povos que habitavam muito antes da chegada dos europeus, uma colonização catequizada seguida pela escravização indígena.

Outra lembrança forte que me ocorre, com isso, é a da minha escola primária, onde a experiência em comemorar o dia do índio era pintando desenhos de indiozinhos, fabricando cocar, dentre outros elementos indígenas, dançando numa roda e colocando a mão na boca fazendo “uh-uh”, reduzindo, dessa maneira, a uma simples representação caricata, estereotipada ou de uma figura imaginária, alegórica.

A escolha das percepções de Munduruku se faz devida pela importância em se trazer uma voz indígena, o direito de existir até hoje perpassa por diversas adversidades e vários conflitos para manter a sobrevivência e as tradições. Importante lembrar que não existe só um povo indígena¹⁸, reduzindo-os a unidade, pois cada um tem suas diferenças, diversidades, culturas, tradições e carregam sua língua de origem.

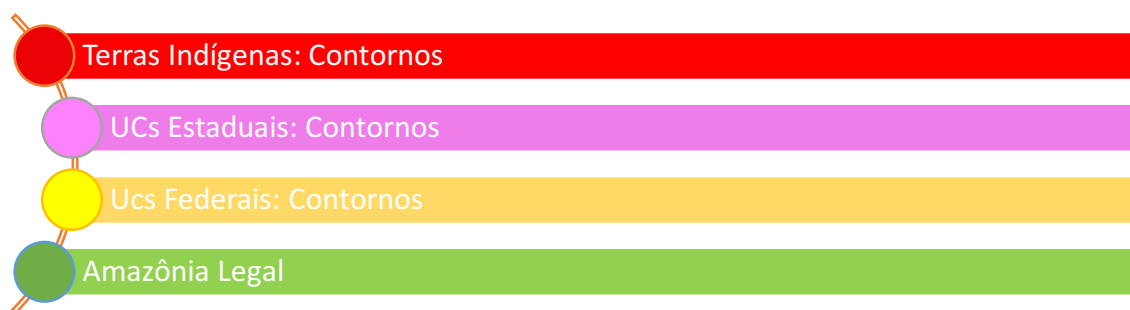
Imprescindível não enaltecer a formação que integro a Universidade de Brasília, campus Darcy Ribeiro¹⁹. Contemplado pela nomeação Darcy: ex-ministro da Educação do Brasil, antropólogo, educador, escritor e indigenista, brasileiro defensor da causa indígena e da educação pública de qualidade. Sendo seus estudos publicados em vasta produção bibliográfica, centrais para o entendimento da cultura indígena e da formação

¹⁸ O censo demográfico de 2010 divulgou a existência de 305 etnias diferentes no Brasil e 274 línguas indígenas (com exceção das línguas originárias de outros países) Tikúna. Na região Norte, o estado de maior concentração indígena é o Amazonas; na região Nordeste, o estado da Bahia; na região Centro-Oeste, o estado do Mato Grosso do Sul; na região Sudeste, o estado de São Paulo e na região Sul, o estado do Rio Grande do Sul, Guarani dentre outros povos conhecidos com suas etnias e suas populações, segundo IBGE: Kaiowá, Kaingang, Macuxí, Terena, Tenetehara, Yanomámi, Potiguara, Xavante, Pataxó. Você encontra com mais informações essa referência no site: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/a-populacao-indigena-no-brasil.htm>. Último acesso 8 de fevereiro.2022

¹⁹ Darcy Ribeiro, como um educador e um visionário, acreditava que a solução para o futuro do país estava na educação pública de qualidade. Em1990, Darcy Ribeiro elegeu-se senador, continuando sua atuação em defesa da cultura e da educação. A Constituição Federal de 1988 trazia uma ideia de educação pública e igualitária que a Lei de Diretrizes e Bases de 1961 não mais contemplava. Formou-se um debate de quase oito anos para a promulgação de uma nova LDB. Marco Maciel, Maurício Correa e Darcy Ribeiro foram os criadores do projeto de lei que deu origem à Lei 9394/1996, mais conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, que foi sancionada em 1996 pelo então presidente do Brasil.

do povo brasileiro. De revermos a importância do trabalho pedagógico, da prática pedagógica se construírem multiculturais como atos políticos e éticos. Ação essa que está em movimentar, aprender e a reaprender a escutar as nossas ancestralidades, as raízes indígenas brasileiras.

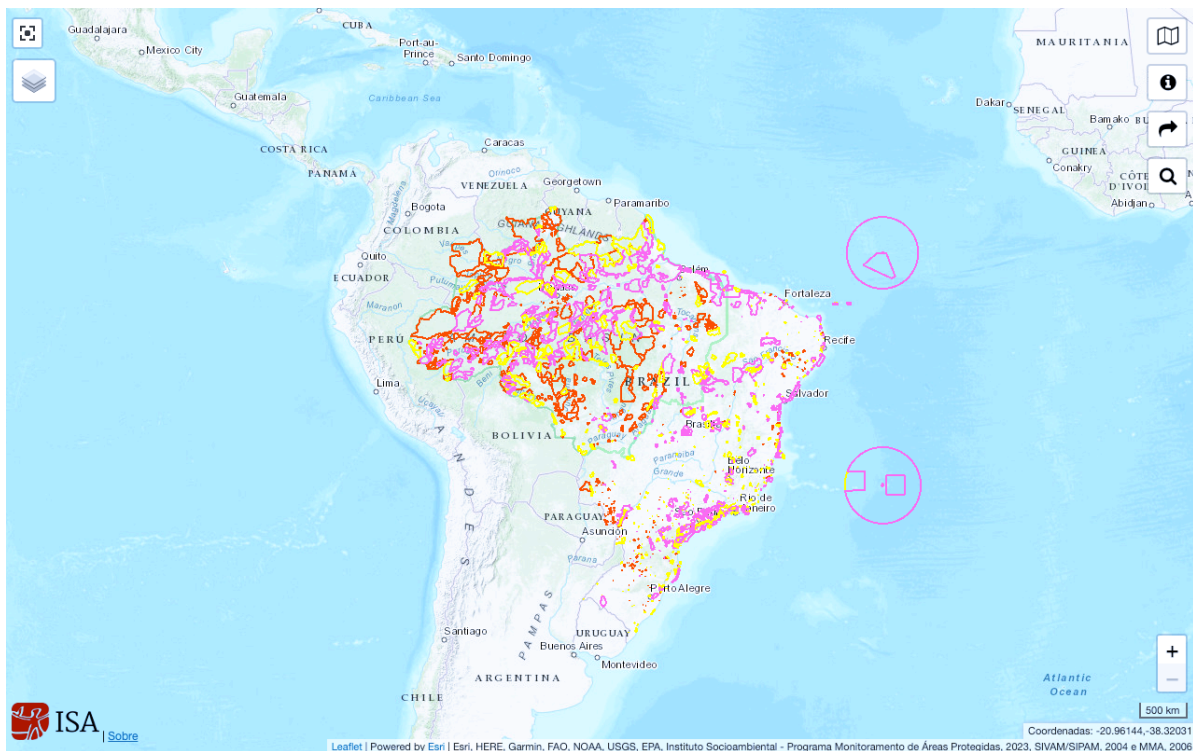
À medida que fui buscando registros indigenistas, fui me deparando com a dificuldade de encontrar dados recentes, atualizados e com uma certa exatidão. E diante das minhas pesquisas descobri o site do Instituto Social Ambiental – Programa Monitoramento de Áreas Protegidas²⁰, 2023. Gostaria, dessa forma, de trazer a observação espacial através do mapa, onde as cores em vermelho representam a demarcação de territórios indígenas:



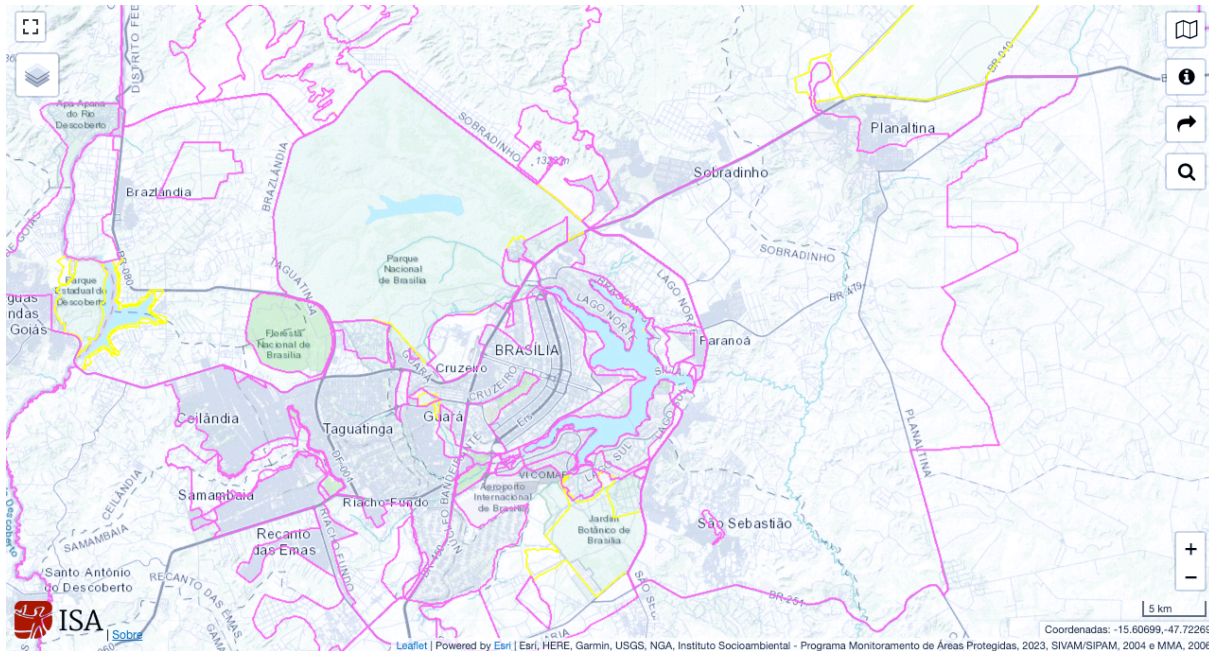
Fotografia 1: Gráfico de legenda das Unidades de Conservação- Ucs, representando em cores: vermelho: representando as terras indígenas, rosa: estaduais, amarelo: Federais e o verde: Amazônia. Como auxílio a leitura Instituto Social Ambiental – Programa Monitoramento de Áreas Protegidas: Brasil.



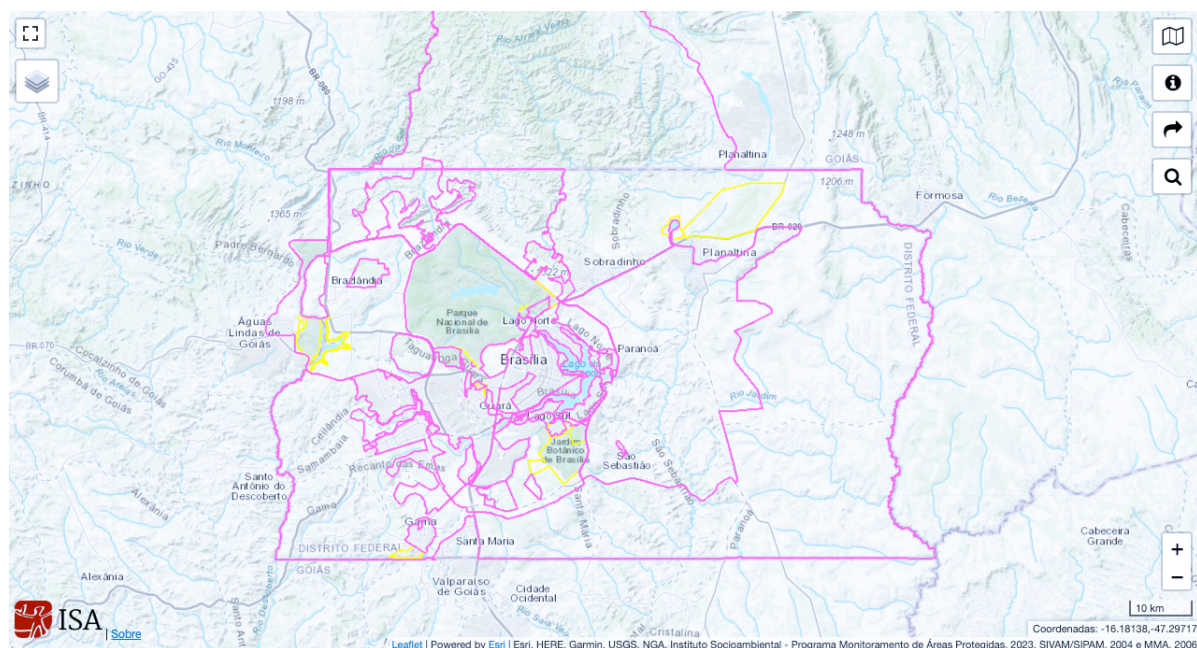
20



Fotografia 2: Infográfico que representa Instituto Social Ambiental – Programa Monitoramento de Áreas Protegidas: Brasil – áreas em vermelho localizam território indígenas



Fotografia 3: Infográfico que representa o Instituto Social Ambiental – Programa Monitoramento de Áreas Protegidas: Brasília plano piloto e redondezas.



Fotografia 4: Infográfico que representa a imagem mais ampla do Instituto Social Ambiental – Programa Monitoramento de Áreas Protegidas: Brasília- Distrito Federal.

Ao interpretarmos os mapas, é possível perceber que, em escala nacional, vários territórios indígenas (áreas destacadas na cor vermelha) compõem nosso país, o que pode ser tomado com grande felicidade afinal contraria a história exploratória e genocida brasileira. Entretanto, ao considerarmos apenas o Distrito Federal, observamos a não existência de demarcações indígenas, levando-nos à seguinte consideração: onde estão os povos indígenas que aqui habitavam?

O ATO DE EDUCAR

23 de janeiro de 2021, às 14:39 Chácara 43, Taguatinga- DF.

Daniel Munduruku, afirma que o ato de educar “é fazer sonhar”. Ele diz que essa forma de se expressar foi sendo construída à medida que foi refletindo sobre sua vivência, no interior da cultura do povo Munduruku, localizados nos estados do Pará, Mato Grosso e Amazonas, tornando indispensável transportar a lucidez das suas escritas. Ele relata em um trecho da sua obra História de Índio (1996):

Minha compreensão aumentou quando em grupo deitávamos sob a luz das estrelas para contemplá-las procurando imaginar o universo imenso diante de nós, que nossos pajés tinham visitado em sonhos. Educação para nós se dava no silêncio. Nossos pais nos ensinavam a sonhar com aquilo que desejávamos.

(...) Educar é fazer sonhar. Aprendi a ser índio, pois aprendi a sonhar. Ia para outras paragens. Passeava nelas. Aprendia com elas. Percebi que na sociedade indígena educar é arrancar de dentro para fora, fazer brotar os sonhos e, às vezes, rir do mistério da vida (MUNDURUKU, p.38).

O sonho no aspecto da vida indígena Munduruku, faz parte da crença de que há mundos possíveis de serem encontrados: o sonho é a linguagem do universo para nos lembrar que somos parentes de todos os seres vivos que coabitam conosco neste planeta. Pelo aprendizado do sonho instalamos em nós uma espécie de *software* que atualiza a memória e que nos torna pertencentes a uma coletividade universal, nos faz sair da prisão que o corpo nos impõe.

É a partir desse pressuposto, que entendemos como o saber de um povo é ao mesmo tempo local e universal, mesmo que ele não tenha consciência disso (MUNDURUKU, 2002, p. 28). E arranco palavras, de dentro para fora, num lugar que vem conectado com meu coração, no meu íntimo e permeia a essência. Sinto que meu broto de sonhos vem no lugar utópico da compreensão humana, ao passo que entregamos ao desconhecido, numa busca constante de sermos conscientes das riquezas que vem dos mistérios da vida, como um processo, integrado e conectado com o todo.

A cada corpo que vibra e respira nesse mesmo movimento, acendemos juntos uma chama de esperança. Despertei na educação um lugar de possibilidades desses encontros-acontecimentos, observo nas minhas práticas o agregar de uma educação que me aproxima do próximo de forma única, especial e lúcida. Em que ninguém ocupará aquele lugar como o mesmo, porque todos nos afetam de alguma forma, trazendo movimentações de dentro para fora. Afeta com o que temos para compartilhar, com o algo a se aprender, a se ensinar, resultando aprendizados mútuos, construtivos e constantes. Há trocas exploradas do existir, estar aqui-agora e que cada linha que sai é uma celebração, você, leitor, vê a dificuldade de tirar algo que vem do coração. Em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças (FREIRE, 1997, p. 103).

CORPO-MENTE-ESPÍRITO

07 de fevereiro de 2023, Terça-feira às 04:5. Varjão-DF.

Não podemos assim, deixar de aprofundar essas considerações sem o diálogo com a obra de Daniel Munduruku chamada: “Educação Indígena do Corpo da Mente, e do Espírito, que contribui a compreensão indissociável da tríade corpo-mente-espírito:

Uma relação impositiva regida pela violência tanto secular quanto religiosa. Ambos os olhares negavam humanidade aos povos indígenas porque traziam consigo uma noção de tempo e trabalho calcada no mito judaico-cristão da criação que pregava que o homem deveria dominar a natureza, submetê-la a seus caprichos e tirar dela tudo o que pudesse. Negavam, assim, a possibilidade destes povos terem construído uma cosmovisão baseada na unidade corpo/mente/espírito(...) A educação indígena só pode, pois, ser compreendida pela indissociabilidade da tríade corpo-mente-espírito, cada um desses pólos sendo responsável pelo desabrochar dos sentidos, da experiência da vida e dos sonhos (MUNDURUKU, 2009, p. 23-24)

Como retirar e/ou me apropriar de algo que fazemos parte? Como dominar algo que somos pertencentes? Coexistentes? Como se alimentar apenas com árvores feitas papel? Ao fazer esses questionamentos sinto-me com o poder de segurar o ar que respiro, me apropriar desse ar que nem me pertence, sabendo que uma hora vou precisar soltar. A respiração é uma ótima analogia que trago para exemplificar como um algo invisível, mas tão presente, como o ar que respiramos, seria “algo nosso”. Inalamos, e exalamos um fluxo contínuo, sutil, natural, orgânico, sem necessidade de agarrar, acumular ou apegar.

Além da perspectiva da posse e da propriedade, o registro da história é marcado pelo adestramento religioso, que serve como uma profunda causa de esvaziamento de significados indigenistas e das culturas não ocidentais e não cristãs. Educar é dar sentido à vida, à existência, não bastando alimentar o corpo e mente, é preciso também o espírito, mas sem desconsiderar os saberes diversos.

De fato, corpo-mente-espírito é o reencontro das disponibilidades de se entregar as percepções por meio da cosmovisão, retoma o lugar indissociável que Munduruku diz de forma lúcida sobre o desabrochar dos sentidos, da experiência da vida e dos sonhos. Considero aqui, que essa poderia ser uma das formas do ser humano enxergar o universo, o seu inverso e o universo do outrem, desde o nascimento.

Uma percepção possível da cosmovisão é aquela que toma um ponto de partida para provocar movimentos em nossas ações. Me encontro com esse movimento, no diálogo e na escuta sensível baseada na unidade, a unidade inseparável da existência viva do meu corpo-mente-espírito. E a perspectiva por meio da sensibilidade me faz enxergar como humanidade, onde cada vivência é única dentro de suas particularidades, individualidades, subjetividades e alteridades, pois a ponte entre elas é o respeito e a troca colaborativa em coletividade, contemplando uma unidade rica dessa diversidade. É viver seu lugar existencial e histórico dentro dessa ordem do fluxo do universo como um presente ancestral do tempo-espaço e do aqui-agora.

Com isso, observo de forma consciente que a percepção de separação arcaica, hierárquica de observar o mundo através de um lugar que reforça o pensamento

colonizador deve ser ultrapassada. Assim como a idealização da chegada dos invasores no Brasil, com o olhar carregado para o outro, como inferior, subalterno, menor, que anda descalço sobre a terra, usa penas na cabeça, e vestimentas simples e desnuda, ao avistar um indígena deva ser ressignificada. Observar o outro como primitivo, antiquado, não evoluído, um maligno que não adquire respeito aos seus direitos, e diante disso escravizá-lo, dando vazão apenas à vontade dos meus caprichos. Um livre arbítrio condicionado as mãos daqueles que estão segurando armas, fogo, bombas e arrogância frutos de uma cômoda ignorância. Separar, no pensamento colonizador, é julgar com assertividade a inferioridade do outro, e assim tratá-lo como servo, *sem alma*. A desumanização considerada (FREIRE, 1997) significa o oprimido ser tratado menor, subalterno, abaixo. Negando a natureza da sua propensão de ser humano, ser pessoa.

Devemos ver aqui como indispensável o estímulo dessa reflexão, pois o meio educacional tem resquícios de uma dívida histórica²¹, escravagista, marcado por ditaduras, genocídios, guerras e explorações, problemas esses que possibilitaram acentuar as desigualdades, consequências que atingiram e influenciaram a educação, a economia, a cultura, a saúde, e o trabalho. Essa ferida aberta é difícil de cicatrizar, afinal há marcas profundas que perpetuam as formas de poder das relações humanas até hoje, conduzindo uma programação de sistema infectada por uma visão que nos subdivide entre patrão e empregado, superior e subalterno, opressor e oprimido, certo e errado, bem e mal, deus e o diabo.

Observando que o foco dessa reparação está no presente, depositando um cotidiano em ações, como educadora convido ao posicionamento de renovação, para uma Educação Decolonial, resgatando nossas origens, arrancadas das nossas raízes ancestrais brasileiras. As esperanças para essa postura são reais e podem ser vistas propagadas também no meio político, como podemos relacionar com a fala do atual presidente da república publicado na CNN Brasil²²:

Incentivaremos, sim, a prosperidade na terra. Liberdade e oportunidade de criar, plantar e colher continuará sendo nosso objetivo. O que não podemos admitir é que seja uma terra sem lei. Não vamos tolerar a violência contra os pequenos, o desmatamento e a degradação do ambiente, que tanto mal já fizeram ao País. Ninguém conhece melhor nossas florestas nem é mais capaz de defendê-las do que os que estavam aqui desde tempos imemoriais. Cada terra demarcada é uma nova área de proteção ambiental. Devemos respeito e temos uma dívida histórica. (LULA, Brasília, 2023)

²¹ O conceito de dívida histórica designa a responsabilidade que gerações atuais, governos e Estados Nacionais teriam em relação a injustiças cometidas contra gerações passadas, sobretudo sobre grupos sociais minoritários.

²² Matéria CNN BRASIL: “Lula promete liberdade no campo e diz ter dívida histórica com indígenas”: Presidente da República prometeu revogar “todas as injustiças” cometidas contra os povos originários.

Corpo-mente-espírito, essa tríade nos instiga a observar de forma integrada a máquina revolucionária que ocupamos nesse espaço-tempo-terra. Integrar a dinâmica coexistente e viva dessa dádiva e organizar esse ponto de vista no meio educacional, por meio de uma cosmovisão holística e agregadora das várias etnias, mesmo as esquecidas nos processos de elaboração da história contada, tradicional e conservadora.

Proponho um convite ao Ensino Decolonial, que questiona a colonialidade do poder, do saber e do ser, que promova políticas e práticas que estimulam a interação, compreensão e cultiva o respeito entre as diferentes culturas e grupos étnicos, tem um tempo circular-cíclica, perpassa o movimento da circularidade a sentir, aprender e a sonhar, um olhar holístico, incorpora o contato entre as interculturalidades. Por assim conseguir perceber direitos humanos de formas mais próximas da equanimidade. Colocando em ação a educação como prática da liberdade²³:

A Educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é do simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (hooks²⁴, 1994, p. 25).

Ou seja, uma educação que contemple todas as educações para a aprendizagem, onde o aprender seja o foco, para, como educadores, entendermos nosso trabalho não na simples missão de repasse de conteúdo, ou de uma reverberação da educação conteudista, mas crendo que nossa vocação é um aspecto sagrado com potencialidades de movimentos revolucionários, acolhedores e que podemos afirmativamente, trazer o lado espiritual sem a forma religiosa da palavra. A espiritualidade não está separada de nós, pelo contrário,

²³ Ensinando a transgredir a educação como prática da liberdade.

²⁴bell hooks (1952-2021) Meu primeiro contato com essa autora foi na disciplina Didática Fundamental, ministrada pela a professora Rita Silvana (FE-UnB), hooks foi uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista e feminista. Batizada com o nome de Gloria Jean Watkins, nasceu em Hopkinsville, ao sul dos EUA em 25 de setembro de 1952. Com uma longa trajetória acadêmica, bell escreveu e publicou mais de 30 livros, em que apresenta sua visão de mundo empática e de resistência. Os temas que defendia em sua obra são a luta contra o racismo, a importância do amor, a desigualdade social e de gênero e a crítica ao sistema capitalista. O nome que a escritora adotou – bell hooks, em letras minúsculas, foi a maneira que ela encontrou de evidenciar a importância de seus escritos e legado, e não de sua figura, evitando assim um personalismo, valorizando a coletividade. O nome foi escolhido como homenagem à sua avó materna, Bell Blair Hooks.

mora em de cada um, o caminho da espiritualidade está dentro, não fora. Nessa visão, a espiritualidade não está na separação, está na integração.

Com efeito, reconhecemos e agregamos vertentes de um olhar holístico para assim entender o que seria uma aprendizagem que nasça de modo íntimo e profundo. E por sermos “seres de passagem”, pouco nos adianta o apego ao material e a ênfase no conteúdo. Devemos valorizar o tempo presente como único e valioso, com o objetivo de torná-lo útil para o crescimento e desenvolvimento em uma propagação de uma comunidade coletiva.

Por essa via, a educação se consolida como um processo, que constrói, reconstrói, inventa, reinventa o desenvolvimento do ser humano. O corpo é o lugar onde reverberam os saberes da mente (intelectual) e os saberes do espírito (emocional). Educar é, portanto, preparar o corpo para sentir, aprender e sonhar. Não importa. É um mesmo movimento. É o movimento da Circularidade, do encontro do sentido (MUNDURUKU, 2002, p. 28). Os processos educativos estão registrados e vivenciados nos nossos espaços-históricos-memória-tempo pela mente-corpo-espírito. Exercermos a oportunidade de ativar e reativar esses espaços no processo educacional, o que se manifesta na arte de brincar, na contação de histórias. É importante notar que trago uma sensibilidade nas falas de Munduruku que nos proporciona colocar na prática educacional as perspectivas das origens indígenas, o caboclo que aprende com o que está em sua volta, com o assobiar dos pássaros de ouvir dos ventos, o que carrega a sabedoria de pedir licença à mata.

Para compreender a concepção da educação da mente passa pela existência dos contadores de história: São os que trazem para o presente o passado memorial (...) São o que leem e releem o tempo tornando-o circular (...) que já sentiram a passagem do tempo pelos seus corpos. São os guardiões da memória (MUNDURUKU, 2002, p. 27)

As existências dos contadores de histórias estiveram, estão e estarão aqui como guardiões que carregam a bagagem entre o tempo e memória, e que a presença do compartilhar torna o tempo circular, permanente, atemporal. Como ouvir as vozes daqueles que foram silenciados? Mortos pela covardia? Como resgatar uma ancestralidade que se predominava pela a oralidade?

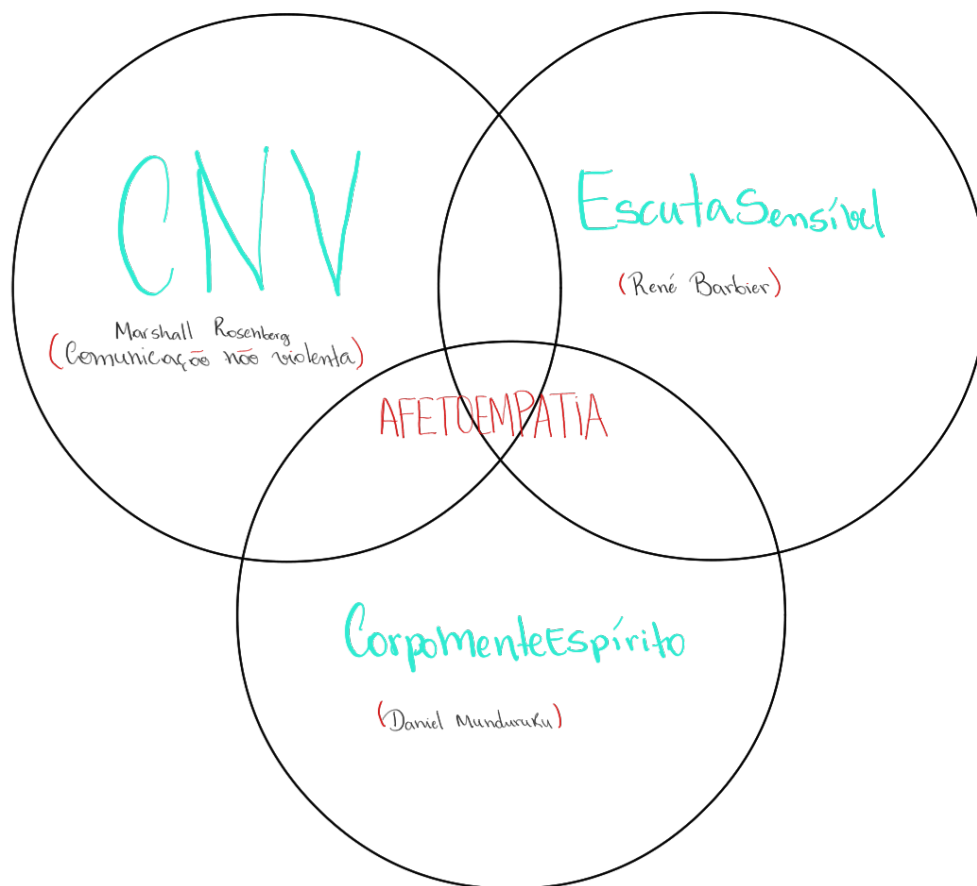
A contação de histórias pode ser considerada como um ato político e, conseqüentemente, educativo, por ser capaz de transformar, quando consegue fazer-se presente, alcançando os ouvintes, tornando um ato solidário (CAFÉ, 2020, pág. 44), observo que essa perspectiva abre grandes possibilidades de compreensão para o processo educativo que embarca nas trocas tempo-memória das suas vivências, a importância de

compartilhar suas histórias, em sala de aula. Importante salientar uma aprendizagem que sustenta navegar na base do respeito, de abrir espaços de escuta acolhedora das perspectivas de mundo de cada estudante, por outras palavras: A escola carece de reconhecimento e valorização da oralidade (CAFÉ, 2020, pág. 46) uma didática baseada a favor da oralidade, de articular, dizer, exprimir, pronunciar, falar, de soltar o que está dentro, permitir se expressar, estando a serviço de agregar o conteúdo com os contextos e realidades dos estudantes. Em que o diálogo nasce despertado pela curiosidade, por meio de questionamentos e reflexões, entregando um espaço acessível de compartilhamentos, encontros-acontecimentos e acontecimentos-encontros. Estamos hoje vivendo um momento onde a diversidade de experiências culturais é o nosso valor maior (MUNDURUKU, 2002, p. 29).

AFETOEMPATIA

Atemporal.

Então, o que seria **AFETOEMPATIA**? Como sou contaminada pelo vírus prazeroso da arte, ressignifico de forma artística, trago um desenho feito por mim, como uma explicação mais dinâmica e lúdica sobre o assunto proposto:



Fotografia 5: tríade- AFETOEMPATIA: desenho feito à mão e digitalizado, por Mari Munaretto, 2023.

A construção de AFETOEMPATIA seria a existência do encontro da integração da tríade: CNV Escuta Sensível CorpoMenteEspírito, como consta no desenho acima, que interliga a conexão da frequência-vibração-presença-fluída-vida: AFETOEMPATIA.

A escolha da palavra **AFETOEMPATIA** é uma forma que compartilho, como contribuição, por meio das minhas experiências como estudante e educadora de artes cênicas para o ensino de artes- teatro, e que possa ser utilizado como uma abordagem de ofício ético e político empoderado pelos Educartistas, movimentando possibilidades de práticas pedagógicas.

- **CNV**, proposta por Marshall (2006), como forma de linguagem de comunicação que favorece entender e compreender os sentimentos que há por trás do que a pessoa quer e deseja se expressar, e assim conseguirmos diminuir a violência verbal, aumentando a utilização de diálogos mais construtivos e saudáveis.
- **EscutaSensível**, proposto Barbier (2007) como forma de escutar por meio da sensibilidade, amparado na empatia, ouvinte-sensível suspende o julgar, o medir e o comparar. Abre para ser o espaço de escuta.
- **CorpoMenteEspírito**, apresentado por Daniel Munduruku (2009), que a educação indígena enraíza na integração, que habita uma compreensão lúcida da tríade do corpo-mente-espírito, estrutura de vivenciar o empoderamento integral do tempo-presente.

AFETOEMPATIA é uma linguagem de acesso, hábito diário, consciência do EU o OUTRO e o NÓS. É o permitir sentir, o ser humano como processo em movimento.

AFETOEMPATIA, como possibilidades, propostas, conexões, ligações, equidade, respeito, reconhecer, conhecer, aprender, ensinar, descobrir, redescobrir, movimentar, articular, compor, construir, desenvolver, perpetuar, trocas.

AFETOEMPATIA, uma fonte de esperança, uma corrente de vida que integra as multicoletividades, multiculturalidades e multidiversidades.

AFETOEMPATIA, uma possibilidade que movimenta para uma prática pedagógica que traga probabilidades de viver em um ambiente educacional acolhedor e expressivo.

AFETOEMPATIA, deslumbra a educação como forma de compartilhar capacidades de existir, resistir, insistir as competências que enaltecem as verdadeiras riquezas da vida.

AFETOEMPATIA, estar disponível para ser um espaço de frequência-vibração, conectada com a consciência racional e emocional.

AFETOEMEPATIA, está no entre: entre eu, entre o outro e entre nós, vivencia o estado de presença do aqui-agora. Estado de consciência de presença em todas as circunstâncias.

AFETOEMPATIA, pode ser utilizado no teatro do oprimido como pilar de resolução de problemas sociais conduzido por meio da representação teatral.

AFETOEMPATIA, não paralisa no campo teórico, técnico e intelectual, se aproxima mais no lugar sensorial, do sentir, meditar, incorporar e reverberar e vivenciar esses conhecimentos na prática.

AFETOEMPATIA, é sentar em roda.

AFETOEMPATIA, é um movimento circular

AFETOEMPATIA, é quando acende a fogueira e aquece seu coração.

AFETOEMPATIA, é o bolo de cenoura da vovó.

AFETOEMPATIA, é um abraço de um melhor amigo.

AFETOEMPATIA, é uma risada de uma criança.

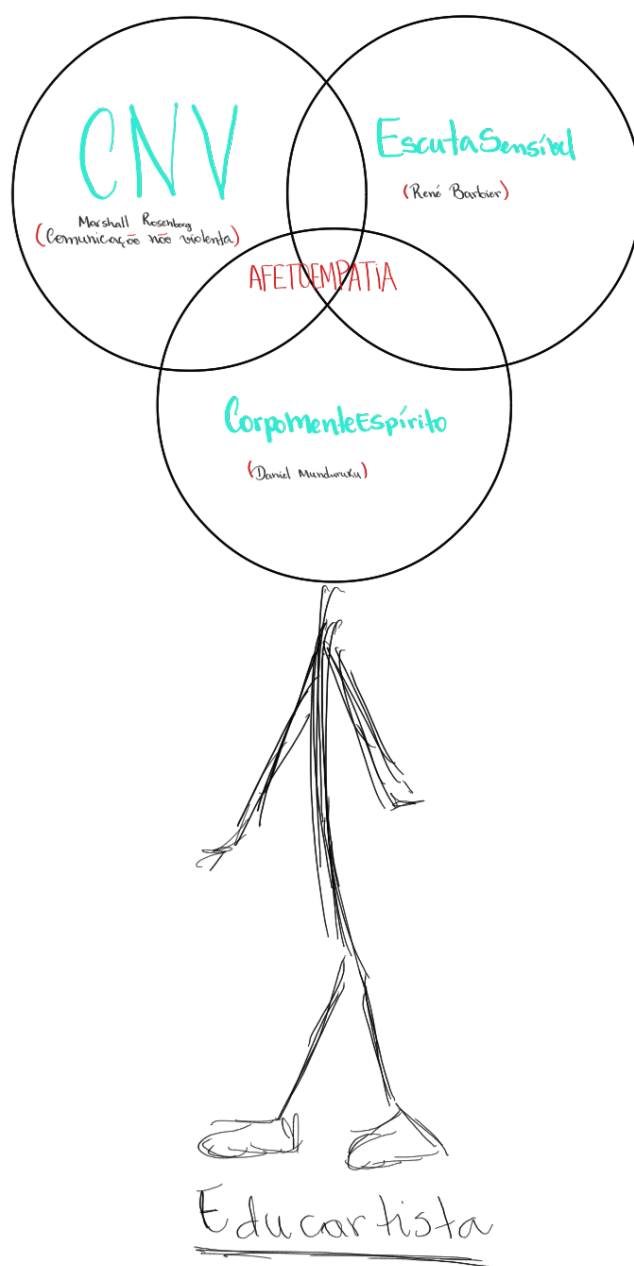
AFETOEMPATIA, é a alegria de chegar em casa e seu animal de estimação receber a sua presença.

AFETOEMPATIA, é um choro de alívio.

AFETOEMPATIA, é uma semente plantada.

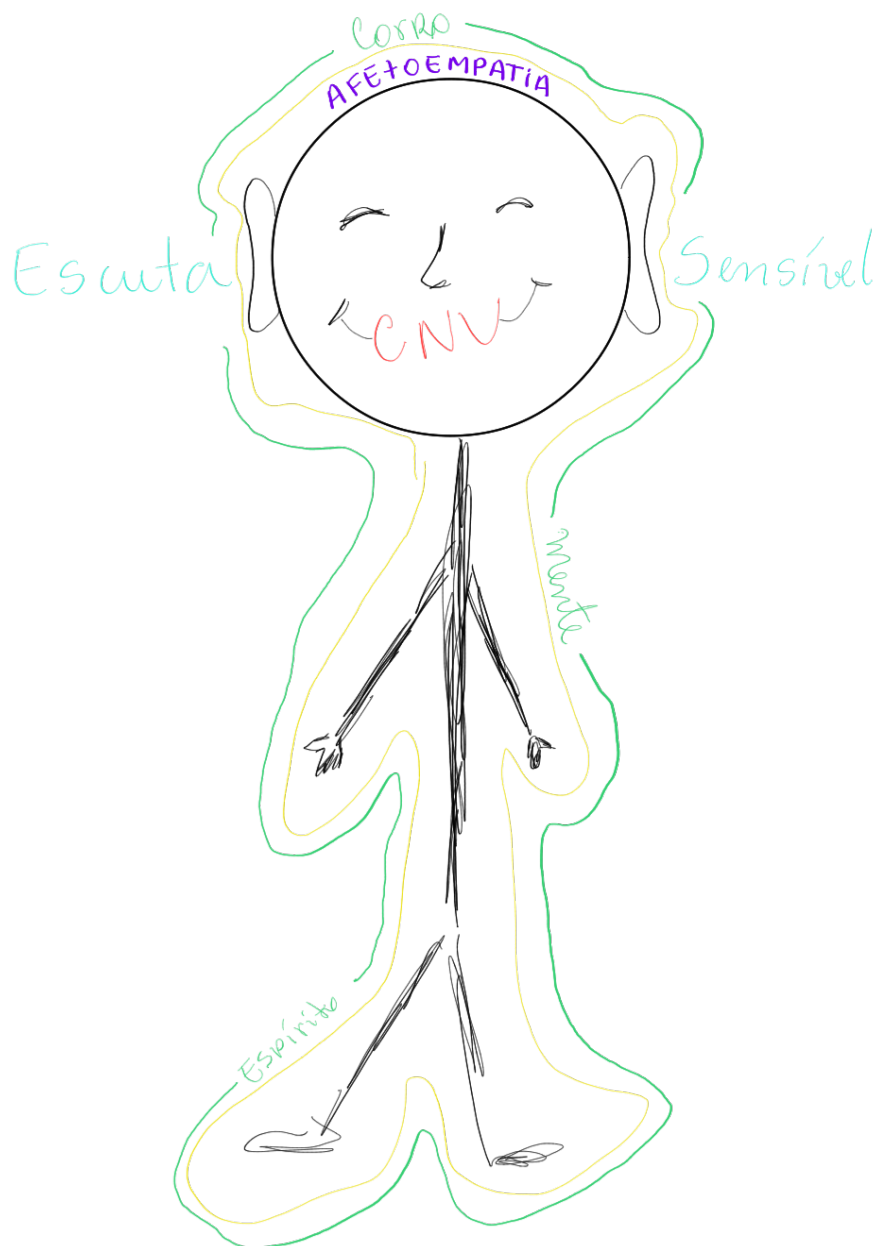
Apenas consegue acessar o estado de **AFETOEMPATIA** se permitindo ao encontro-acontecimento, acontecimento-encontro.

Então, dessa forma, como se dá o conceito de **EDUCARTISTA**?



Fotografia 6: EDUCARTISTA- corpo triquetra: desenho feito a mão transferido para o digital, por Mari Munaretto, 2023.

Ou melhor,



Fotografia 7: EDUCARTISTA- microcosmo: desenho feito a mão transferido para o digital, por Mari Munaretto, 2023.

O Educartista escuta pela sensibilidade reconhecendo o outro como outro, comunica pela diplomacia de uma comunicação empática, media trocas, o ser inventivo, presente e autêntico no agora, carregado de bagagens vivenciais entre o tempo e a memória.

PLANTANDO UMA SEMENTE

Início da escrita durante 20 de agosto de 2020, às 23:23, Asa Norte

Movimentou até 12 de fevereiro, Domingo. Varjão- DF.

Escolhi ser professora? Parece irônico essa pergunta, não lembro de ter escolhido ser. Não lembro de ser uma das minhas opções quando era cobrado na infância. Lembro que não queria ter a dor de cabeça de comparecer em uma greve em busca dos mínimos direitos, e mesmo quando estudante lembro de estar em greves com os professores. Lembro que queria ganhar muito dinheiro, irônico porque essa profissão não está de acordo com os altos valores no final do mês comparado ao salário de um deputado (e seus diversos auxílios complementares).

Lembro que sempre gostei de escrever, mas escrevia para mim. Lembro que a maior parte da minha vida foi marcada nas escolas e aprendizagens não formais, onde a maioria das lembranças são acessadas com frases específicas de professoras e professores que ressoam em mim até hoje.

Teve uma época que eu não gostava de crianças, até ter a experiência de ser catequista²⁵, e sucessivamente após, foi na Escola Parque, onde tive um contato mais real com o ato de lecionar. Gostava muito menos de adolescentes, até ter esse contato como educadora no Ensino Médio. Adultos já eliminava, até ter o contato na Universidade de Brasília. Na verdade, não sei se gosto ou aprendi a gostar, afinal antes mesmo de colocar meu desejo de gostar, já estava dentro do processo de entender o meu eu e o mundo. Nessa longa caminhada de entendimentos dos outros, tive muitas oportunidades de percebê-los e me autoperceber, me reconstruir, e enfim me ressignifiquei.

Uma lembrança, em especial, me marcou como educadora na Escola Parque. Estava eu como educadora na Escola Parque 304 norte, e por várias vezes me deixavam sozinha com várias turmas (por algum motivo, não havia professor presente) e muitas dessas vezes precisei me adequar à demanda dos 30, 60 e até 90 alunos de uma única vez, o que serviu de fruto para a minha indignação. Foi preciso ter jogo de cintura para dialogar

²⁵ Tive a experiência de passar por várias religiões durante minha vida, na busca constante de entender meu processo religioso, comecei no catolicismo cheguei me formar até ser catequista e fazer parte do caminho neocatecumenal, dei continuidade na assembleia de deus, fiz compromisso com o budismo do Nam-Myoh-Rengue-Kyo, entrei na mesa branca na casa espírita, frequentei por muito tempo terreiros de ubanda e camdoblé, comunguei ayahuasca, rapé, cogumelos psicodélicos, e finalizei na meditação, hoje me considero universalista.

com as crianças, desenvolver atividades e exercícios que instigassem elas a participar e brincar de forma lúdica.

No início das minhas experiências (ainda muito inexperiente) me sentia frequentemente a sensação de ter *caído de paraquedas* numa situação, numa aula, que teria que dar o meu melhor, ou apenas tentar. Imagine então, várias crianças de até 4 turmas diferentes para a educadora lidar sozinha, e em crescente sensação de impotência, ser possível tirar *da cartola* uma atividade em formato de exercício teatral, pois como estava recém-chegada (caloura) do semestre de artes cênicas, estava ainda fresco na memória e no corpo algumas atividades de interpretação teatral.

Busquei a brincadeira de nome *pega osso*, exercício que trabalha à sonoridade, a atenção e principalmente o trabalho em grupo. As crianças ficam em roda enquanto no meio fica apenas uma delas com olhos fechados. Nesse momento, se coloca no meio um objeto que faz barulho. A ideia era vendar as crianças da roda para que buscassem o objeto apenas utilizando o sentido da audição, mas não vendar as crianças era uma opção de confiança nelas, afinal o divertido era brincar, reforçando que a brincadeira só teria graça se entrássemos na brincadeira.

Lembro que a atividade pegou no *tranco*, apesar disso no fim do horário foi até difícil de encerrar pois eram nítidos a empolgação e o interesse pelo exercício e pela ludicidade da proposta. Precisávamos ir para a próxima aula, eu era a responsável por não os atrasar.

Meses se passaram, eu seguia trabalhando na escola e aos poucos adquirindo mais experiência. Em um dia como outro qualquer da rotina escolar, estava passando pela biblioteca, ia buscar um livro didático e observei que a professora de educação física estava ausente e tinha deixado as crianças livres para brincarem como preferissem. Cheguei perto, entrei, havia uma roda de crianças (a maioria meninas) e uma estava no meio com olhos fechados e a chave emprestada da professora, em frente a ela parei, fiquei paralisada e em seguida perguntei sorrindo, quase gaguejando: vocês estão brincando daquela atividade “pega osso”? Me responderam que sim! Todas animadas explicando para mim, inclusive me convidando para brincar junto. Eu observava tudo com um sorriso encantado de orelha a orelha, saí quase deixando transparecer que ia cair uma lágrima nos meus olhos. Ali, eu percebi qual era o sentido mais subjetivo e belo da expressão *plantar uma semente*.

Não escolhi ser professora, eu aprendi a ser, estou aprendendo, fui carregada pelas lembranças e espaços que me levaram a experiência, e digo: mesmo que ainda

quisesse o salário de um deputado, não existe quantia que pague o afeto, o carinho, a experiência, e o acontecimento desses ambientes de educação mútua e ampla que vivenciamos em ambiente escolar.

A busca da concepção da aprendizagem deve ter como objetivo não simplesmente o aperfeiçoamento técnico ou profissional do educador, mas sim almejar a descoberta do ser no mundo. Sigo minha constante consciência na comunidade, na coletividade, na educação como horizontalidade. Um diálogo que acessa a todos, indistintamente. Hoje, me orgulho de poder me nomear Educartista. Orgulho, também, do caminho que estou traçando junto a tantas pessoas, coisas, vivências que se fazem querer estar junto. Segue difícil a busca pela nomeação prática de tantas sensações abstratas e subjetivas das relações desenvolvidas, até porque muitas dessas relações ainda estão acontecendo e continuarão a acontecer, independentemente de como eu as enxergo ou tento conectá-las às proposições do AFETOEMPATIA.

Não foi uma escolha, foi um acolhimento. Ter sido acolhida pela docência foi o presente mais lindo e desafiador (PIRES, 2019, pág. 51). Sou grata pelo contexto e pela potência da função que quero desenvolver na educação, e por ter a possibilidade de ser um sujeito de invenção, em processo.

Em frente à uma entidade de capa preta e a imagem de um tridente vermelho nas costas, soltando fumaça em meus ombros e olhos fixos encarando. Me perguntou:

- Menina você tem algo para escrever?

-É...tenho sim senhor!

-Por que ainda não começou? Seus pensamentos são poesias.

(Exu, Tungra, 2019)

REFERÊNCIA

- ANDRÉ,** Marli. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus editora, 2012.
- BARBIER,** R. A Pesquisa-Ação. Brasília: Liber Livro Editora, 2007
- BOAL,** Augusto. Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BOAL,** A. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- CAFÉ,** ÂNGELA BARCELLOS. Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz. Editora Lisbon, I.ª edição Outubro, 2020.
- CALABREZ,** P. O que são emoções e sentimentos?, Direção Alexandre Morgado, Produção Ursula Steffany. Canal NeuroVox, São Paulo, 2016. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=SUAQeBKiqk0>. Último acesso 5 de fevereiro de 2023.
- CALABREZ,** P. A Ciência da Hipocrisia. Direção Guilherme Ashcar. Canal NeuroVox. São Paulo, 2019. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=vG1Ti8ZZ4f8>. Último acesso 5 de fevereiro de 2023.
- FREIRE,** Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE,** Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- FREIRE,** Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREITAS,** M, **RAPOSO,** S. Resenha da obra: Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 6, N.1, 2020.
- HOOKS,** Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- ISA-** Instituto Socioambiental – Programa Monitoramento de Áreas Protegidas, Mapa Socioambiental- Brasil, 2023. Disponível: <https://mapa.eco.br>. Último acesso 7 de fevereiro de 2023.
- KOPENAWA,** DAVI; **ALBERT,** Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LORDE,** A. Irmã Outsider: ensaios e conferências, tradução: Stephanie Borges, editora autêntica, 2020.
- LUCKESI,** C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem: compreensão e prática. Entrevista concedida ao Jornal do Brasil e publicada em 21 jul. 2000. Disponível em: http://www.luckesi.com.br/textos/art_avaliacao/art_avaliacao_entrev_jornal_do_Brasil2000.pdf. Último acesso 22 de abril de 2016.

MUNDURUKU, DANIEL. Histórias de Índio. Companhia das Letrinhas. SP, 1996.

MUNDURUKU, DANIEL. Educação Indígena do corpo, da mente e do espírito. *Revista Múltiplas Leituras*, v.2, n. 1, 2009.

MUNDURUKU, DANIEL. Olhar Indígena - Daniel Munduruku fala sobre Educação Indígena, Povo Munduruku, F3 Vídeos produções de Carlos Banavita. Pará/PA, 2012. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=WSyjdC4QKsE>. Último acesso 5 de fevereiro de 2023

PIRES, IGOR PASSOS. Cantos de um educartista: a prática performativa como caminho pedagógico. Universidade de Brasília, 2019

PUPO, A. NEVES, G. RODRIGUES, E. AGUIAR, S. KAUCZ, L. CNN BRASIL: Lula promete liberdade no campo e diz ter dívida histórica com indígenas. Estadão Conteúdo, Brasília-DF, 2023. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/lula-promete-liberdade-no-campo-e-diz-ter-divida-historica-com-indigenas/>. Último acesso 5 de fevereiro de 2023

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação Não-Violenta: Técnicas para aprimorar Relacionamentos pessoais e profissionais. Editora Ágora, 1ª edição, 2006.